# TROVADOR

# TROVADOR

COLLECÇÃO

DE

## MODINHAS, RECITATIVOS, ARIAS, LUNDÚS, ETC.

---

NOVA EDIÇÃO, CORRECTA

---

**VOLUME V**

RIO DE JANEIRO

Na LIVRARIA POPULAR de A. A. da CRUZ COUTINHO — Editor

75, Rua de S. José, 75

---

1876

# TROVADOR

---

## MODINHAS

---

### LUZ E MYSTERIO

Poesia de Mello Moraes Filho, e musica de Eugenio Cunha

Quando a lua no céo vai percorrendo
Prateando o setim azul do espaço,
Quando o pranto do orphão dolorido
O Senhor o recebe em seu regaço;

Quando o sopro da briza na palmeira
Parece suspirar tão dôcemente,
Quando descanta o pobre sertanejo
Um idyllio de amor todo innocente;

Então, eu vou sósinho com meu pranto
Esconder-me do mundo fementido,
Procuro a serrania mais espessa
Para n'ella occultar o meu gemido.

E lá eu julgo não sentir da vida
O sol abrazador queimar-me o seio,
Só, conversa com Deus extasiada
A minh'alma prendida n'este enleio.

N'um morno dia perfumoso e lindo
Ella grata respira o mago incenso,
E banhada de luz entôa os hymnos
Com os anjos gentis aos pés do Immenso.

E n'este delirar da mente afflicta
Eu quizera passar a flôr dos annos,
Embora mesmo sem gozar do mundo
Sonhos, delicias, infernaes enganos.

E depois... os seus olhos derramando
No meu triste viver infortunado,
Pranteio a minha sorte delirante,
Meu eterno soffrer, meu duro fado.

Arrancai, ó meu Deus, minha existencia
N'esses ternos momentos de ventura,
Porque minh'alma das paixões despida
Aos vossos olhos sorrirá mais pura.

## NINGUEM

Poesia do dr. D. J. G. M., e musica de R. Coelho

Quando estou c'o a minha amada,
Quer a veja passeando,
Quer em pé, quer assentada,
Quer sorrindo, ou quer fallando,
Minh'alma magnetisada
A vai sempre acompanhando.

Amago influxo
Obediente
Ao seu capricho
Só pensa e sente.

Vós, que sobre a terra amaes,
Mortaes;
Vós, anjos, que amaes nos céos
A Deus;
Vós, que de amor entendeis,
Sabeis
Se eu posso amar inda mais?
Se eu não posso, póde-o alguem?
— Ninguem!

Quando ella ao som do piano,
Que ao toque suave geme,
Das harmonias o arcano
Revela na voz estreme,
Minh'alma como o oceano
Se espraia a ouvil-a e treme.

Do cada nota
Que vai fugindo
Echo é minh'alma
Que a vai seguindo.

Vós, que sobre a terra amaes,
Mortaes;
Vós, anjos, que amaes nos céos
A Deus;
Vós, que de amor entendeis,
Sabeis
Se eu posso amar inda mais?
Se eu não posso, póde-o alguem?
—Ninguem!

---

# ARIA

---

## O CABELLEIREIRO

Tive um pai tão estouvado,
Que temendo a diabrura,
Fez de minha creatura
Cabelleireiro gigante:
Porém no fatal instante
Que o pentesinho empunhava,
Vi que o peito se inflammava,
E para o fogo se acalmar
Hei-de com agua as pentear.

Uma d'ellas penteando
Presumida e impertinente,
Vi que os meus dedos sujava
Com certo ingrediente.

O pente largo espantado
Gritando:—porque se pinta?
Para me sujar-me os dedos
Tem na bola tanta tinta!

Desmaiou envergonhada
Cahindo com a cadeira,
E me deixando nas unhas
A mui tinta cabelleira.

N'isto entra um figurão
Marido da perereca,
Um grito solta de horror:
Minha mulher é careca!...

O tal marido
Com tal desgosto,
Perdeu o riso
Tapando o rosto.

Com muita justiça,
Com muita razão,
Esposa careca!
Cruz... tentação!

Pois uma mulher careca
Não queiram por um milhão,
Ter a morte á cabeceira,
Cruz, demonio, tentação!...

P'ra ser becco sem sahida,
Como costumam dizer,
Primeiro veja não falle
O que eu lhes vou dizer:

Primo, não seja careca,
Segundo, não ser idosa,
Tercio, ter contos de reis,
Quarto, não ser furiosa.

Ah! se eu podera
O pente largar,
Eu só procurára
Mulher p'ra casar.

E não sendo assim
Não cáiam em tal,
Com este conselho
Não irão mui mal.

Se alguma vicr
Com tal condição,
Só para fallar-lhes
De amor união;

Amigos, lhes peço
Se lembrem de mim,
E sem escutal-a
Só gritem assim:

Vai-te, demonio,
Vai-te, tentação...
Se insistir gritem:
—Péga, ladrão!

# RECITATIVOS

---

## ADELIA

Adelia, meu anjo, escuta um segredo,
Que é isto? tens medo? Meu Deus! porque coras?
Não tenhas receio, attende, faceira,
Escuta, ligeira, que passam-se as horas.

Não fujas, Adelia, terás tanto medo
De ouvir um segredo, que tremas assim?...
Escuta, meu anjo, teus olhos tão lindos,
Dão gozos infindos — ah! volve-os p'ra mim!

Escuta, meu anjo, não tenhas receio,
Ainda este enleio?... porque, linda flôr?
Porque me fugiste, tremeste, coraste,
Jámais escutaste — segredo de amor?

Jámais te disseram que eras formosa
Qual rosa librada nas azas da briza?
Ou nunca sentiste ferir teus ouvidos
Lamentos sentidos — és muda? indecisa?

Escuta o segredo — segredo innocente...
Ainda és tremente? socega... te imploro,
Assim... socegaste... me attende serena,
Galante morena: « Ha muito eu te adoro ».

Perdôa-me, Adelia, mas tu me perdeste,
Com risos soubeste minh'alma prender;
Como ha-de o poeta, vergado á vertigem,
Distante da virgem que adora, viver?

*Gualberto Peçanha.*

---

## LEMBRANÇAS

Nas horas tristonhas que tudo escurece,
Que a alma apparece mostrando seu manto,
São horas que eu teço canções de amizade
De triste saudade, de dôr e de pranto.

Aqui no retiro da minha orphandade
Aonde a saudade me tem dado dôres,
Eu vi em teus olhos um fim de bonanças,
Um céo d'esperanças, um mundo de amores.

Se escuto o gemido da rola em seu ninho,
Chorando o filhinho que cedo perdeu,
Se a briza fagueira nos bosquès suspira,
Ao som d'esta lyra tambem choro eu.

Me lembro do tempo que junto passámos,
Que alegres cantámos n'um mundo de flôres;
Da linda estrellinha que então nos seguia,
Que nos presidia nas juras de amores.

Me lembro dos campos, dos cantos saudosos,
Dos sons maviosos que além eu ouvi;
Do seio materno, do pai extremoso,
Do irmão carinhoso — me lembro de ti.

Se escuto alta noite gentil trovador
Cantando o amor com voz de alegria,
Eu tenho saudades do nosso passado,
De quando a teu lado contente eu vivia.

---

# LUNDÚ

---

## DE QUE ME SERVE ESTA VIDA

De que me serve esta vida
De tormento agro e sem fim?
Quando não estou de guarda
Toca a rebate o clarim.

De que me servem as folgas
Se não as posso gozar?
Quando não 'stou de piquete
De noite sáio a rondar.

Não tenho socego!...
Me diz o tenente:
Vá para o serviço
Pois falta-me gente.

O que hei-de fazer?
Eu visto a fardinha,
Botando as corrêas
Eu vou p'ra a guardinha.

Porém se um dia
Eu n'isto scismar,
Faço uma trôxa
E ponho-me a andar.

Com esta me raspo
Oh! rapaziada,
Pois esta vidinha
E' mui desgraçada.

*Villarinho.*

# MODINHAS

---

## ROUBASTE, TYRANNA PARCA

Roubaste, tyranna parca,
Meu pai, meu dôce amor,
Céos, piedade, dai-me a morte,
Tirai-me a cruenta dôr.

De que me serve esta vida
N'este mundo de amargura?
Terna mãi que eu tanto amava
Hoje jaz na sepultura!

---

## ESCUTA

Como o orvalho da noite
Busca o carinho da flôr,
Assim minh'alma em delirios
Suspira por teu amor;
E tu qual uma insensata
Com teu desprezo me mata.

Oh! se eu podesse encontrar
Em teus labios um sorrir,
Seria a minha ventura
E tambem o meu porvir;
Mas com tua crueldade,
Nem se quer tens-me amizade.

Permitta o céo que algum dia
Mais feliz possa eu ser,
Se continuar d'esta sorte
Prefiro antes morrer;
A morte é um somno dourado
Para quem é desprezado.

*Manoel Ferreira.*

---

## AMARGOS DIAS PASSEI

Amargos dias passei
Pensando na sorte austera,
Hoje me vejo em desgraça,
Já não sou quem d'antes era.

Mas quanto é triste
Viver ausente!
Eu prefiro a morte
Do que ser vivente.

Pensando na sorte austera
De continuo a suspirar,
Por não te vêr, Marcia bella,
O meu destino é só chorar.

Mas quanto é triste
Meu padecer!
Eu prefiro a morte,
Desejo morrer.

---

# RECITATIVOS

---

## O JANOTA

Ando na moda p'ra agradar ás bellas
Que nas janellas ao passar eu vejo;
Torno-me d'ellas — de terreiro um gallo —
Verdade fallo, é o que desejo.

Por isso uso as derradeiras modas,
Quaesquer ou todas que Paris nos dá;
Julgam *chalaça* o que digo? — Então
Muita attenção — vão ouvindo lá:

Calça na moda—a *balão* chamada,
Mui bem talhada por franceza mão,
Alva camisa de cambraia fina,
Linda botina de fino tacão;

Chapéo mui fino—de castor, patente,
Cabello rente—á duque de Saxe,
Collete ornado de botões brilhantes,
Pois dos *tunantes* é o luxo, é praxe;

Gravata *chique*—de uma côr mimosa,
Tendo uma rosa por um alfinete,
Luvas, bengala, *mexican* bem feito
Tornam perfeito meu gentil *toillete.*

Com primoroso *pince-nez* de gosto
Se fito o rosto de qualquer menina,
Ella ao principio quer mostrar-se esquiva,
Depois captiva cahe no laço—é sina.

O meu bigode com torcidas pontas
Ás moças tontas faz dar mil saltinhos,
Com os olhos faço um tal *pisca-pisca*
—Segura isca para os taes peixinhos.

E qual moça que ao meu vêr tão *chique*
Presa não fique pelo beiço?—Hein?
Só desejando qu'eu com tom faceiro
Diga primeiro: «—Quer casar, meu bem?»

As proprias velhas—sazonados pomos,
Chupados gomos de um fructo azedo,
Dizem que anhelam me adorar tambem,
Eu com desdem, então digo:— «É cedo!»

Permittam ellas qu'este amor rejeite,
Amas de leite, — não preciso, juro;
Se bem que tenha rijos dentes — sei,
Jámais gostei de mastigar pão duro.

Folgada vida, mui alegre, passo
Se bem que escasso seja o cobre. — Ora
Se ellas me adoram... e com preferencia
Pela apparencia que só vêem por fóra.

Como deixar de idolatrar as bellas
Se eu sou d'ellas um fiel debuxo?
Mesmo *esbagado,* sim senhor, quer quer?
Pois a mulher o que quer vêr é luxo.

*Gualberto Peçanha.*

---

## O CANTO DO DESCRIDO

Que vale a vida para o desgraçado,
Soffrendo o fado, sem allivio achar?
Antes na campa esse somno duro
Que prematuro póde a morte dar.

Só entre os mortos o socego impéra,
Que sorte austera tão cruel negou;
Ante os cyprestes e os chorões crescidos
Morrem gemidos que essa dôr levou.

*

Ahi, na lousa do martyrio a palma,
Em santa calma só pezares gozou!
Quando da vida a cadêa dura
Que a desventura lhe prender deixou.

Ninguem derrame sobre o triste, o pranto
Que nunca um canto de prazer soltou!
Que o véo da morte,—essa noite escura,
Da sepultura o seu mal findou!

Quando da lua o clarão divino
Vier benigno lhe trazer a luz;
O sacro emblema mostrará brilhante
De insinuante—respeitosa cruz...

*J. de Araujo e Silva.*

---

# LUNDÚ

---

## YÔYÔ, VOSSÊ É O DEMONIO

Yôyô, vossê é o demonio
Que me está enfeitiçando,
Deixe-me que sou captiva,
Não me esteja namorando.

Leve o demonio a tentação
De um yôyô tão feiticeiro;
Vá-se, deixe-me sósinha,
Cumprir o meu captiveiro.

Será acaso muita trunfa
Que lhe faz tanta influencia?
Ai, yôyô, não seja assim,
Veja bem, tome tenencia.

Não queira pela mulata
P'ra sempre ficar perdido;
Que a muito moço bonito
Isso tem acontecido.

Se sou cará com melado,
Tire-me do captiveiro,
Que a mulata do Brazil,
Se é boa, vale dinheiro.

Se sou fructo saboroso,
Ou do céo dôce maná,
Yôyô, traga o seu dinheiro
P'ra comprar o cambucá.

Se sou manga da Bahia,
Ou saboroso cajuí,
Yôyô, traga seu dinheiro
Se me quizer para si.

Se vossê gosta de mim,
Se isto tudo é verdade,
Vá ter com o meu senhor
Comprar minha liberdade.

Se a mulata do Brazil
Lhe captiva o coração,
Tambem é de muita gente
A unica consolação.

Que a mulata do Brazil
Sempre grata a seu senhor,
Não quer ficar perdida
Por causa do seu amor.

*Araujo Pinheiro Junior.*

---

# MODINHAS

---

## FOI EM MANHÃ D'ESTIO

Poesia de Laurindo Rebello, e musica de João A. Cunha

Foi em manhã d'estio
D'um prado entre os verdores,
Q'eu vi os meus amores
Sósinho a cogitar.

Cheguei-me a ella,
Tremeu de pejo,
Furtei-lhe um beijo,
Pôz-se a chorar.

Eram-lhe aquellas lagrimas
Na face nacarada,
Per'las da madrugada
Nas rosas da manhã.

Santificada
N'aquelle instante,
Não era amante,
Era uma irmã.

Curvados os joelhos
Os braços lhe estendia,
Nos olhos me luzia
Meu innocente amor.

Assoma a virgem,
Deu-se quebranto,
Secca-se o pranto,
Cresce o rubor.

---

## DONZELLA, POR PIEDADE

Donzella, por piedade, não perturbes
A paz que se abrigou no peito meu;
Ah! não venhas com teus cantos de illusões
Recordar um amor que já foi teu.

Eu amei-te, sim, ingrata, eu amei-te,
Quanto o meu coração amar podia;
No verdor de meus annos adorei-te
Só a ti, só a ti no mundo via.

Faço timbre hoje emfim de aborrecer-te,
Mil vezes faço timbre em adorar-te;
Tuas fallas de amor mandam deixar-te,
Minha viva paixão manda querer-te.

Se eu procuro, ingrata, deixar de vêr-te,
A tristeza me acompanha a toda a parte,
Se para allivio meu busquei fallar-te,
Arrependo-me, emfim de conhecer-te.

---

## QUANDO TE VI

Musica do snr. Noronha

Quando te vi tão formosa
Não sabes o que eu senti?
Não sabes, não, que o respeito
Suffocou meu morno peito
Por ti! por ti!

Teus olhos cheios de fogo
Me cravaste—eu vacillei;
Est'alma em que chammas arde,
Porque foi então cobarde?
Não sei... não sei.

Mas tu lêste no meu peito,
Conheceste o affecto meu,
Porém vendo-me indeciso,
Nem tu soltaste um sorriso,
Nem eu, nem eu.

Mas vi-te um dia curvada
Ao peso de intensa dôr,
Choravas, chorei, porém
Bemdito pranto de amor.

---

## A SER INGRATA TAMBEM

Se me virem ser ingrata
Não se admire ninguem,
Um ingrato me ensinou
A ser ingrata tambem.

Quem é sincera no mundo
Corre risco em querer bem;
Eu o fui—mas me ensinaram
A ser ingrata tambem.

Melhor é gostar de todos,
Não querer bem a ninguem;
Já que o ingrato me ensinou
A ser ingrata tambem.

Vossê me chama seu bem?
Eu não sou bem de ninguem;
Um ingrato me ensinou
A ser ingrata tambem.

---

# ROMANCE

---

## SONHO DE VENTURA

(PENSAMENTO FUGITIVO)

Melodia do snr. S. Luiz Castro, e palavras do snr. S. L. de O. C.

Eu a vi como sempre tão bella,
Reclinada a sorrir-se p'ra mim,
A feliz e ditosa donzella
Me dizia palavras sem fim.

Fui feliz, eu tambem lhe fallei
D'este fogo sagrado — o amor,
E a dèxtra tomando a beijei
Lhe roubando da tez seu primor.

Tu me amas, formosa deidade?
Diz depressa, que eu quero saber,
Se de mim queres ter piedade
Ou de gozos eu venha a morrer.

A sorrir-se me diz esta diva:
« Eu aceito este teu puro amor! »
E não mais para mim foi esquiva,
E fiquei sendo d'ella o senhor.

---

# RECITATIVOS

---

## MORTE D'ALMA

Amei-te, oh virgem, no silencio d'alma,
Colhi a palma d'um mentido amor;
E essas crenças que libei comtigo,
Eil-as commigo no gemer da dôr.

Amei-te, oh virgem, e qual flôr mimosa
Que descuidosa com o tufão pendeu;
Assim minh'alma que aprendeu amores
Hoje entre dôres por ti só morreu.

A linda estrella que adorei na vida
Nuvem perdida sua luz finou;
Ai de agonia soletrou tormentos,
Teus pensamentos no horror lançou.

Mancebo infame, te saudou o encanto,
Falsario canto te envolveu no pó;
Alma de marmore te escondeu o véo,
Surdo é-te o céo, tu mereces dó.

Sorriu-te o mundo, lh'escutaste as fallas,
Trajaste as galas que vestia o crime;
Somno do inferno te tornou mulher,
Dôres requer, teu soffrer me opprime.

Libaste sofrega o licôr da morte
Que deu-te a sorte na fatal vertigem;
Pura buscaste de amor um beijo,
Viste o lampejo de tu'alma virgem.

Tudo acabou-se e teus tristes dias
Cavam agonias d'uma fé sem luz;
P'ra ti, ai triste!... já não ha perdão,
A redempção só acharás na cruz!

Porque, donzella, não afogou-te o pranto
No sentir tanto tua inutil vida?...
Altar sem culto te maldiz o Eterno,
Ri-se o inferno, és mulher perdida.

*V. J. Bom Successo Junior.*

---

## ELMAIA

Tu me chamaste de infiel, morena
Porque, tyranna, me offendeste assim?
Eu já fallei-te, já te fui perjuro,
Pois já tens queixas que fazer de mim?

Talvez tu sejas inconstante e vária,
E por teu genio, tu me julgues tal!
Porém eu juro que te amo e muito...
E tu, Elmaia, tens-me amor igual?

N'aquelle baile em que dançamos juntos,
Tu me provaste que eras muito má!
A sós deixavas muitas vezes, muitas,
Quem vida e alma, eterno amor te dá!

E' assim que provas que tambem me amas?
E' d'essa fórma que se póde amar?
Não, minha virgem, quem amor tem firme,
Só junto d'elle póde bem gozar...

Porém, perdôa; são transportes d'alma!
Estou vencido, já te beijo os pés!
E se me amas com amor bem puro,
Deixa esses modos, que me são crueis.

*Manoel de Macedo.*

# LUNDÚ

---

## OS VADIOS

Graças aos céos, de vadios
As ruas limpas estão,
'Stá cheia d'elles a casa
Chamada de correcção.

Já foi-se o tempo
De mendigar,
Fóra, vadios,
Vão trabalhar.

Senhor chefe da policia,
Tem a nossa gratidão
Por mandar esses vadios
P'ra a casa de correcção.

Já foi-se o tempo
De mendigar,
Fóra vadios,
Vão trabalhar.

Bem exacto sois, senhor,
Por essa deliberação,
Pois muita gente merece
A casa de correcção.

# MODINHA

---

## AO DERRADEIRO CANTAR DO CYSNE

Poesia de M. M., e musica de J. Leite

A meiga virgem
Dos sonhos teus,
Ora na terra
Por ti, a Deus.

Anjo perdido
Na solidão,
Ouve os suspiros
D'um coração!

Sôpro de morte
Gelou-te o peito,
Tombaste cedo
N'um frio leito.

Anjo perdido — etc.

Se tu na vida
Me déste os cantos,
Na morte escuta
Meus tristes prantos.

Anjo perdido — etc.

Adeus, ó bardo,
Sonha commigo,
Na noite eterna
Do teu jazigo.

Anjo perdido — etc.

---

# RECITATIVOS

---

## AMAR-TE

Amar-te é a scisma d'este peito ardente
Que almeja crente, teu amor tambem;
Amar-te é a vida que m'infiltra n'alma
A dôce calma que venturas tem.

Embora a sorte me comprima o peito,
Em duro leito de bem agras dôres;
Quero adorar-te, assim mesmo, virgem,
N'esta vertigem, de um sentir de amores.

Mas ai! eu sei que em vão procuro
No meu futuro descobrir esp'ranças;
Hoje meu peito, de soffrer cançado,
Só no passado vai colher lembranças.

Lembranças qu'ridas, no verdor d'outr'ora,
Bem triste chora, quem por ti suspira;
Hoje, offuscadas, só me restam dôres,
Mirrhadas flôres no vibrar da lyra.

Quem sabe s'inda voltarão risonhos
Os bellos sonhos da estação florida!
Oh! quão ditosa me seria a sorte,
N'este transporte, respirando vida!

Oh! quanto é dôce a esperança linda
Que vive ainda entre o meu soffrer;
N'ella sorri-me tua imagem qu'rida,
E dá-me a vida para amar-te e crêr.

---

## O MARTYRIO

Minh'alma geme n'um atroz delirio,
Cruel martyrio que meu peito encerra;
Foi n'esta lucta de soffrer cançada
Que minha amada me arrojou á terra.

Por essa virgem de meus sonhos, linda,
Paixão infinda me devora o peito;
Se n'ella sonho, quando estou dormindo,
Sinto sorrindo a ventura ao leito.

Porém acordo! e com dôr immensa,
Amor e crença vejo ter perdido:
Carpindo soffro da desgraça o córte
Té vir a morte me levar comsigo.

De que me serve o viver no mundo?
Sentir profundo, occultando n'alma:
Feliz lembrança que sonhei outr'ora
P'ra achar agora do martyrio a palma.

Vem dar-me, virgem, tua mão ao leito,
Que ao teu, meu peito, nunca foi traidor:
Tanta esperança que sonhei, sem crime..
Só me deprime teu perdido amor.

Oh! não desprezes meu sentido canto,
Nem este pranto que derramo em vão...
Perdôa, virgem... meu soffrer não vês?
Eis-me a teus pés a te pedir perdão.

.................................

Minh'alma geme n'um atroz delirio,
Cruel martyrio que meu peito encerra;
Foi n'esta lucta de soffrer cançada
Que minha amada me arrojou á terra.

---

# LUNDÚ

---

## AS NOTAS DO THESOURO OU OS TROCOS MIUDOS

Poesia do snr. J. M. C. Tupinambá, e musica do snr. Arvellos

Fugiram d'esta cidade
As notas de dez tostões,
Com medo dos paraguayos!
A culpa tem-a os mandões.

Velhos, tortos, aleijados,
Judeu, christão e mouro,
Tem maná de frigideira
Nas notas do thesouro.

Lá se foram os miudos,
Babau, senhor ministro,
É preciso remediar-nos
N'este caso tão sinistro.

Velhos, tortos — etc.

Pede-se de porta em porta
Qual esmola pede o pobre,
Não ha miudos para cinco,
O que ha é muito cobre.

Velhos, tortos — etc.

*

Não ha troco nas boticas,
Nas tabernas, sapateiros,
Nos açougues e logistas,
Nem na mão dos boleeiros.

Velhos, tortos — etc.

Quem quizer ir ao thesouro
Seu papelinho sellar,
Vá munido de miudos
Se os tiver para levar.

Velhos, tortos — etc.

N'esta casa do dinheiro
Não ha trocos miudos,
Assim como a mim faltam
Os pequenos e graudos.

Velhos, tortos — etc.

Com letras côr das escriptas
As notas do thesouro estão,
Nos annuncios do *Jornal*
Servindo de especulação.

Velhos, tortos — etc.

A nossa Dona Policia
Sua vista já perdeu,
E cega no seu cantinho
Esses annuncios não leu.

Velhos, tortos — etc.

O rico não dá cavaco,
Tem credito, come fiado,
Mas o pobre, coitadinho,
É quem fica atropellado.

Velhos, tortos — etc.

Eu já vi uma excellencia,
Que tem muito dinheiro,
Vendendo notas miudas
Na casa d'um banqueiro.

Velhos, tortos — etc.

Excellentissimos senhores
Representantes da nação,
Tende piedade de nós,
Para o povo compaixão.

Velhos, tortos — etc.

Já vai cheirando mal
A tal historia de miudos,
A culpa é do mesmo povo
Sustentar certos pançudos.

Velhos, tortos — etc.

Choremos, povo, choremos
A miseria de nossa terra,
Que até as notas miudas
Voluntarias foram á guerra.

Velhos, tortos — etc.

Vou mandar imprimir
Quinhentos mil cartões,
Que tenham o mesmo valor
Das notas de dez tostões.

Velhos, tortos — etc.

Com elles eu vou abrir
Uma casa de banqueiro,
Com premio bem pequeno
Hei-de ganhar muito dinheiro.

Velhos, tortos — etc.

Esta tão feliz idéa,
Parto da imaginação,
Ha-de ter em outubro
Um premio na exposição.

Velhos, tortos — etc.

O governo agradecido
Com este serviço prestado,
Me ha-de dar uma teteya
E uma pensão de cruzado.

Velhos, tortos — etc.

Fico rico, muito nobre:
O commercio penhorado,
Com este grande serviço
Me faz logo deputado.

Velhos, tortos, — etc.

E tendo uma cadeira
No seio da representação,
Não custa ser senador,
Sou logo senhor barão.

Velhos, tortos — etc.

Viva, viva o progresso
Da nossa civilisação,
Que um banco de miudos
Já faz — Senador — Barão.

Velhos, tortos — etc.

---

# MODINHAS

---

## AMELIA

Para ser cantada pela musica da modinha — *Trovador*

Ha tres annos, donzella formosa,
Que meu peito por ti geme ardente!
Ha tres annos que soffro torturas
Com sorriso nos labios que mente!

Ha tres annos, perdida a esperança,
Vejo a vida tristonha e tão fria!
Meu futuro parece um espectro
Me apontando uma campa vazia!

E nas horas de triste abandono
O passado contemplo risonho,
Procurando esquecer, pobre louco,
O presente tão negro e medonho!

E lá vejo distante e bem longe,
Entre as brumas do tempo a ventura,
Vejo risos e sonhos de gloria,
Terna crença de amor, dôce e pura!

Vejo um mundo festivo e de encantos,
Onde outr'ora não fui peregrino,
Onde altares a dôr não ostenta,
Onde é tudo de amor terno hymno!

Mas se os olhos eu volvo ao presente,
Se de sonho bemdito eu acordo,
Vejo um mundo de crepe e de dôres...
Minha sina tão triste recordo!

Flôres murchas, o riso desfeito,
Pranto eterno murchando-me a face,
A descrença no peito abrazado,
E de gloria nem sombra fugace!

Eis a vida que eu passo na terra
Ha bem tempo, mulher, ha tres annos,
Sem achar no presente consolo,
Illusões do porvir nos arcanos!

Ah! não digas que é pouco! é bem triste,
Do Empyreo cahir no inferno!...
Se eu a taça libei da ventura,
Porque daes-me, mulher, fel eterno?

Que martyrios crueis hei soffrido!
Quantas noites tão longas, sem somno!
Quanto pranto vertido em silencio!
Quantos dias de triste abandono!

Fui outr'ora feliz, mas te vendo,
Meu sorriso troquei pelo pranto!
Ai remata os tormentos que soffro,
Meu affecto recebe tão santo!

Ri-te, anjo, e não queiras que eu diga
Que um demonio perdeu-me e fugiu-me,
Que os martyrios que soffro, ha tres annos,
São castigos que Deus infligiu-me!

Oh! tem pena de mim, santo anjinho!
Cumpre os mandos que tens do teu Deus,
Alumia o caminho que trilho,
Leva uma alma que é tua p'ra os céos!

E se um anjo se mancha e nodôa
Os affectos mortaes aceitando,
Eu rojado na terra contrito
Passarei minha vida te orando!

Ou então d'esse céo em que adejas
Bate as azas de linda brancura,
Vem a mim n'este lodo da vida,
Dá-me um dia sequer de ventura!

E depois para lá remontando,
Não te importes que o peito me arda,
Se não pódes ser minha na terra,
Sê nos céos o meu anjo da guarda!

*A. J. de Almeida e Silva Junior.*

---

## A CRUZ DA SEPULTURA

O pharol da minha vida,
Já não brilha, não dá luz;
Meu viver é noite escura
Junto a uma negra cruz.

De continuo gemo, choro,
A saudade me tortura,
Não existe mais esperança
Junto a uma sepultura.

O sol que p'ra mim brilhava,
Promettendo-me ventura,
Offuscou-se para sempre
Junto a uma sepultura.

O amor que vos encanta,
Que aos viventes seduz,
Murchou-lhe a flôr da vida
Junto a uma negra cruz.

O anjo que me adorava
A' dôr hoje me conduz,
Deixou o corpo sem alma
Junto a uma negra cruz.

Infeliz, que ignorava
Ser amado com ternura,
Hoje o amor só contempla
Junto a uma sepultura.

---

# RECITATIVOS

---

## QUIZ FUGIR-TE

Quiz fugir-te, Maria formosa,
P'ra d'amor não soffrer o tormento;
Quiz fugir-te, mulher seductora,
Mas p'ra isso fiquei sem alento.

Vi teu rosto tão bello, tão lindo,
Vi teus olhos com tanto fulgor,
Vi teus labios p'ra mim se sorrirem
Ateando em meu peito o amor.

Ah! então já não pude fugir-te,
Entreguei-te o meu coração,
Mas, oh! quanto eu fui infeliz,
Pois fui victima de tua paixão!

Porque tu, ó mulher adorada,
O amor não queres comprehender,
Meu socego quizeste roubar
P'ra de pena fazer-me morrer!

*J. B. da Silva.*

---

## AMOR DO CÉO

Poesia do snr. dr. Nuno Alvaro, e musica de A. J. Monteiro

Vivia triste, como as aves vivem
Que adejam longe na amplidão dos mares,
Vivia triste, como vive o nauta
Saudando a patria de longinquos lares.

Mas, de repente, meu viver sombrio,
Luz vespertina n'um luzir dourou,
Eu vi teus olhos derramando chammas
E por encanto, meu soffrer cessou.

Mas ah! que os olhos que revelam tanto,
Que á luz da aurora mais brilhantes são,
Não perceberam no tremer dos labios
Dizer-lhes triste, não me deixem não.

Amei-os muito! meu amor foi lirio,
Que dôce briza nem sequer soprou;
Foi dôce nota d'uma frauta agreste
Que um echo triste para o céo levou.

Amei-os muito! meu amor perdeu-se
Além do espaço que limita o céo,
Acaso soube a andorinha o rumo
Abrindo as azas quando o ar perdeu?

Acaso soube no passar das nuvens,
Se os sentem só no peito amor?
Acaso soube se o perfume santo
A Deus se eleva no escalar da flôr?

Ah! não duvides que esse amor tão puro
Como o incenso que se eleva a Deus,
Ahi se eleve nos dourados sonhos
Que sinto ás vezes nos delirios meus.

---

## JÁ HOUVE TEMPO

Já houve tempo em que eu tinha riso,
Flôres n'esta alma que o prazer pollúe;
Canções alegres como as vozes santas
Dos ledos passaros festejando o dia.

Já vi minh'alma s'expandir festiva,
Ao som sympathico d'uma voz divina,
Tremer-me o corpo ao cantacto meigo
Da mão macia de gentil donzella.

Se tive sonhos no inspirado craneo...
A mente em fogo me ditou mil cantos,
Que como o incenso que p'ra o céo s'eleva
Só tinha assumpto na mulher que amava.

Mas, hoje, triste, já não tenho risos
Nos labios seccos pela febre aguda;
Só tenho lagrimas no coração ferido
Pelos espinhos do desprezo adusto.

Mas, ai! que importa que me cuspa o fado
—O author maldito de meus males todos—
Horrores negros que o Averno encerra
Se a uma ingrata hei-de amar p'ra sempre?

Ainda mesmo que odial-a queira,
Meu Deus, não posso, que odiar-te era!
Se um rosto lindo tu lhe dar soubestes
Porque uma alma lhe déstes feia?...

Permitte, oh Deus, que eu esqueça a ingrata
Que esta existencia vai matando aos poucos;
Eia, Senhor, misericordia ao filho
Sem ledos sonhos, sem amores santos!

* * *

---

# LUNDÚ

---

## VIVA S. JOÃO

Poesia de Paula Brito, musica de um bahiano

Rezai, meninas solteiras,
Ao santo da devoção,
Fez sempre mil milagres
O Baptista S. João.

Quem uma fogueira
Não póde saltar,
N'um livro de sortes
Brinquedo ha-de achar.

Em quanto a morte não chega
Se divirta quem pódér,
Pois ninguem sabe da vida
O que Deus tem p'ra fazer.

Quem uma fogueira — etc.

Cuide as casadas nos filhos
Se elles inda são crianças,
A solteira — coitadinha
Viva cheia d'esperanças.

Quem uma fogueira — etc.

E' dos bens o bem mais dôce
O bem da religião,
Não é de Deus protegido
Quem não reza a S. João.

Quem uma fogueira — etc.

---

# MODINHAS

---

## O SONHO

Eu sonhei que nos meus braços
Dôcemente te apertava,
Que em teus labios minha vida
Inteira se evaporava.

Oh que prazer tão celeste
Não tive n'este sonhar!
Se tal sonho fosse eterno
Quizera nunca acordar.

Antes fôra um sonho a vida;
Eu teria então prazer,
Que acordado, só eu vivo,
N'um continuo padecer.

Oh! que prazer—etc.

---

## CASO DE AMOR TÃO FINGIDO

Caso de amor tão fingido
Eu já fiz, hoje não faço,
Eu por ti já dei a vida,
Hoje não dou nem um passo.

Basta, ó cruel, já não posso
Soffrer da sorte o rigor,
Pois não vês que por ti padeço
Lembranças do nosso amor?

Se fazes gosto em deixar-me,
Ninguem te priva, ó cruel,
Mas ao menos saiba o mundo
Que te fui sempre fiel.

Basta, ó cruel, já não posso—etc.

Um pensamento de morte,
Uma lembrança de amor,
Uma esperança perdida,
Eis o que faz minha dôr.

Basta, ó cruel, já não posso—etc.

Vem, ó Lilia, vem chorosa,
Em meus braços reclinar-te,
Vem ouvir ternos queixumes,
Quero tudo relatar-te.

Basta, ó cruel, já não posso—etc.

Vês, cruel, quanto padeço,
Vê tambem qual é meu fado,
Vê que na vida de amores
Quem ama quer ser amado.

---

## AI, MEU BEM, SE EU NÃO TE AMO

Poesia de F. M. M., e musica de J. R. de Oliveira Costa

Ah, meu bem, se eu não te amo
Um passo não chegue a dar,
A mesma terra em que piso
Não me queira sepultar.

Ah, meu bem, se eu não te amo
Deus do céo me não escute,
Nem o sol me alumie,
Nem a terra me sepulte.

Ah, meu bem, se te não amo
Seja um ente sem ventura,
As ondas do mar sanhudo
Sejam minha sepultura.

Se não crês no que te digo
Tens aqui meu juramento,
Acharás teu nome escripto
No meu terno pensamento.

*

Pois mesmo depois de morto,
Debaixo do frio chão,
Acharás teu nome escripto
No meu terno coração.

---

# RECITATIVOS

---

## A FAUSTA

Vivi outr'ora sem amor, sem crença,
Na dôr intensa de eternal pungir!
Foram-se os risos, me esqueci dos cantos,
Só tive prantos de cruel sentir!...

*Qual rola afflicta que perdeu o esposo,*
Vivi saudoso a soluçar sem fé!...
Dôces lembranças que eu amei, coitado!...
Nem no passado divisei de pé!...

Eu era a folha que o tufão quebrára,
Que além rojára e que a seccar pendeu!...
Não houve uma alma que entendesse a minha,
—Pobre avesinha que a gemer morreu!

Era-me a vida, tão tristonha, um fardo
Que eu pobre e tardo carregava só!
Via o presente, como a terra, escuro!
Via o futuro reduzido a pó!...

E além nas nevoas de um passado inglorio
Todo illusorio o meu gozar findou!...
E eu inda moço nem um riso tinha,
—Palma mesquinha que o soffrer murchou.

Ia-se a vida e minha fé com ella,
Formosa estrella que brilhou uma vez!
E eu era um velho no verdor dos annos
Só pelos damnos que o chorar me fez!

Mas, como em noites de cruel procella
A esp'rança véla quem morreu cuidou,
Um anjo viu-me divagar sem tino
E o meu destino com amor mudou.

Hoje eu sou crente, meu futuro é liso,
Como um sorriso de criança á mãi!
Vivo contente, me esqueci dos prantos,
Deram-me os cantos que o fruir só tem!

Fausta, meu anjo, te abençôo agora,
Que o bardo chora de feliz que é!
Eu que era morto tive vida immensa!
Pela descrença me outorgaste a fé!

Amo! eu te amo, como á crença o crente!
Fausta innocente, que eternal fruir!
Deus, seu affecto concedei-me eterno!
E venha o inferno — morrerei a rir!

*A. J. de Almeida e Silva Junior.*

---

## TEUS OLHOS

Morena, eu te peço, não volvas teus olhos
Assim d'este modo, gentil, feiticeiro;
Oh! não, se não queres, ao vate abatido
Vêr louco adorando teu rosto faceiro!

Oh não, se soubesses com quanta magia
Teus olhos attrahem o meu coração,
De certo, morena, teus olhos galantes
Os não volverias com tanta expressão!

Se meigos os fitas na rosa brilhante,
Que expande na terra seu grato perfume;
A rosa tão bella se esconde medrosa,
Teus olhos são bellos que a faz ter ciume!

Se no céo azulado brilhando uma estrella
Por ti é fitada meu anjo — tremendo,
Desmaia e se esconde apressada nas nuvens,
Que olhar fascinante! — a fugir vai dizendo.

Assim se no vate este olhar perigoso
Tu cravas sorrindo, um momento, um instante,
Coitado, sem siso, a teus pés fascinado
Lá vai abater-se, captivo, arquejante!...

Morena, eu te peço, não volvas teus olhos
Assim, que me matas, me tiras o siso!...
Morena, eu te peço, por Deus não sorrias
Que arrancas-me a vida com esse sorriso!...

*J. B. Marcenal.*

---

# LUNDÚ

---

## AS VELHAS DA ÉPOCA

Ai que para ti não é
Desfrutar n'um baile velhas,
Qual pastor entre rebanhos
Guardando suas ovelhas.

Que risadas estão dando
Entre as portas escondidas,
Quem por entre portas vê
Estas scenas divertidas!

Dançar a valsa a tres tempos,
Para traz sempre aos pulinhos,
Isso só fazem as velhas
Do tempo dos Affonsinhos.

Que risadas — etc.

Julgam que p'ra bem dançar
Elle e qualquer se arrisca?...
Ora adeus, senhoras velhas,
Vão jogar a tusa, a bisca.

Que risadas — etc.

Vêr aquella, que enxofrada
'Stá no canto de uma sala,
Porque o janota não foi
P'ra uma polka convidal-a!

Que risadas — etc.

Vêr uma tia baixinha,
Gorda, terna, feita amante,
É cousa para fugir
Cem leguas d'ella distante.

Que risadas — etc.

Vão antes pegar nas contas
E rezar dous *Padre-Nossos,*

Que as danças de hoje em dia
Foram feitas para os moços.

Que risadas — etc.

---

# MODINHAS

---

## COMO A ROSA, AMOR DURA UM SÓ DIA

Musica de Raphael Coelho

Como a rosa, amor dura um só dia,
Ninguem creia nos votos d'amor,
Sois mimosa, do cume da gloria
Precipita no abysmo da dôr.

Só comtigo, no peito e na mente,
E's meu bem, tu meu Deus, cá na terra,
E' por ti que meu peito palpita,
E' em ti que o mundo se encerra.

Insensato é o homem que pensa
Gozar vida sem ter dissabor,
Terno amor que ao prazer nos conduz,
Nos arroja no abysmo da dôr.

Já no mundo gozei mil venturas,
Fui feliz, fui ditoso em amor,
Hoje vivo de todo esquecido
Sepultado no abysmo da dôr.

Insensato é o joven que pensa
Ter amantes com ingratidões,
Entre amor não ha tyrannia
Que escravisa nossos corações.

Já no mundo gozei de ventura,
Fui feliz, fui ditoso em amor,
Hoje vivo de todo esquecido,
Sepultado no abysmo da dôr.

---

## DESPEITO

Eu tambem sonhei venturas,
Eu tambem tive illusão,
Amores dentro do peito,
Prazeres no coração.

Mas hoje apenas me resta
Tristes ais soltos em vão.

Na rocha da desventura
Minha illusão se findou,
Quanto amei, hoje detesto
A mulher que me enganou.

Detesto a vida que ella
Para sempre envenenou.

Viva embora mui feliz
Essa mulher que adorei,
Seja-lhe o canto do mundo
O amor que lhe jurei.

Seja-lhe só a lembrança
Os beijos que n'ella dei.

Do inferno mão abrazada,
Mil insultos violentos
Imprimam n'aquellas faces,
N'aquelles labios cruentos.

Que cuspidos — não beijados
Não fariam meus tormentos.

---

### SE A DESGRAÇA ME ACOMPANHA

Se a desgraça me acompanha,
Minha sorte assim o quiz;
Vai-te embora, triste sorte,
Lá vem um dia feliz.

Só uma esperança futura,
Consoladora, me diz
Que entre os dias desgraçados
Lá vem um dia feliz.

De amar-te com firmeza,
Foi voto que sempre fiz;
Para eu dar-te mil abraços,
Lá vem um dia feliz.

---

# RECITATIVOS

---

### MINH'ALMA É TRISTE

(IMITAÇÃO)

Minh'alma é triste como é triste a filha
Que geme afflicta por morrer-lhe o pai,
É triste como — o triste adeus do filho
Que a mãi abraça e para a guerra vai.

Minh'alma é triste como a voz do nauta
Que sobre as ondas o soccorro implora,
E triste como pezaroso pranto
Da mãi querida que p'la filha chora.

Minh'alma é triste qual ranger dos gonzos,
É triste como o rebentar da vaga;
Inda é mais triste que o adeus da vida
Da mãi que morre e a filhinha afaga.

Minh'alma é triste como é triste a supplica
Do desvalido que mendiga um pão;
Minh'alma é triste como o som do bronze,
Nuncio da morte de um querido irmão.

Minh'alma é triste como é triste a sorte
Do pobre esposo que ao degredo vai;
É triste como triste é o ai pungente
Da infeliz filha que em deshonra cahe.

*Cafife.*

---

## OS OLHOS D'ELLA

Os olhos d'*ella*, de fulgor divino,
São dous pharóes a reflectirem n'alma,
São vivos cirios d'um brilhar sem fim,
Luz que deslumbra de meu peito a calma.

Os olhos d'*ella* são estrellas puras
A indicarem da ventura o trilho,
São fogos d'alma que ao brilhar desfazem
Os gelos d'alma no mais leve brilho.

Os olhos d'*ella* a desferirem chammas
São quaes de Phebo destacados raios,
Banha-se o peito no calor que emanam
Ao exprimirem juvenis desmaios.

Os olhos d'*ella* são de amor as armas
Que da razão o predominio tolhem,
Que livres pulsos traiçoeiros prendem,
Que n'um lampejo mil triumphos colhem.

Os olhos d'*ella* tem minh'alma presa;
A luz me foge se seu brilho vejo;
Vacillo, tremo, titubio, morro
N'um gemer louco, n'um tenaz almejo.

Os olhos d'*ella* são a luz que expelle
A negra nevoa que me tolda a vida,
Falte-me a luz que nos seus olhos brilha,
Minh'alma triste morrerá descrida.

*A. J. de Sousa.*

# CANÇÃO

## CONSELHO

Põe na virtude,
Filha querida,
De tua vida
Todo o primor;
Não dês á sorte
Que tanto illude
Sem a virtude
Algum valor.

Tudo perece,
Murcha a belleza,
Foge a riqueza,
Esfria o amor!
Mas a virtude
Zomba da sorte,
E até da morte
Disfarça o horror.

Brilha a virtude
Na vida pura,
Qual na espessura
Do lirio a côr;
Cultiva attenta,
Filha mimosa,
Sempre viçosa
Tão linda flôr.

Pastor humilde,
Monarcha ingente,
Soffre igualmente
Destino austero:
Mas, o varão
Sabio e honrado,
Zomba do fado
Por mais severo.

Honrosos cargos,
Titulo, nobreza,
É tudo presa
Da parca dura;
Porém, não finda
Do virtuoso
O nome honroso
Na sepultura.

---

# MODINHAS

---

## ALZIRA FORMOSA

Modinha bahiana

Alzira formosa,
Ventura foi vêr-te,
Seguiu-se o render-te
O meu coração.

Amor se render-me
Achou o motivo,
Eu já sou captivo;
Eu amo e então! então...

Ao vêr os teus olhos
Vivos e bellos
Eu tenho de vêl-os
Maior ambição.

Por mais que os veja
Não parte a vontade,
Eu tenho saudade
Eu amo e então! então...

*J. Capistrano Leite.*

---

## SE AQUELLA INGRATA

Modinha bahiana

Se aquella ingrata
Jurasse ser
Minha sómente
Até morrer;

De ser meu bem,
De ser só minha,
De só commigo
Viver juntinha...
Mas tu, tyranna,
Já não me attendes,
Ao terno amante
Cruel offendes.

Meu peito soffre
Ardente chamma,
Amor me abraza,
Amor me inflamma.

A ella corro,
Prazer exulto,
Á minha amada
Rendendo culto;
E' quando esta
Então me diz:
Comtigo, Jonio,
Já sou feliz.

*Capistrano Leite.*

## UMA VISÃO

Quando o somno me pesa nos olhos,
Revoar sinto em torno de mim,
Vaga sombra que ameiga os meus sonhos,
Talvez fórma de algum seraphim.

Toda a noite um adejo suave
Me acalenta com meigo frescôr,
Vem, meu anjo dos cilios retintos,
Vem levar-me nas azas de amor.

Passo a noite se acaso repouso,
Sempre a vêr-te nos meus sonhos d'ouro,
Alva a tez, breve a bocca rosada,
Sob o véo escondido um thesouro!

N'uma rede d'encantos me prendes
Com grinaldas de mystico odôr,
Vem, meu anjo dos cilios retintos,
Vem levar-me nas azas de amor.

Bella fada que doura meus sonhos,
Que sympathica a vida me fez!
Já não és illusão mentirosa,
Eu te vejo acordando talvez!

Bello anjo d'uma alma celeste,
Dôce olhar de innocencia e pudôr,
Vem, meu anjo dos cilios retintos,
Vem-me dar teus extremos de amor!

*

# XACARA

## O QUE É AMOR

Poesia do dr. D. J. G. Magalhães, e musica do snr. Raph

Tu me perguntas
O que é amor?
Arduo problema
Me vens propôr,
Sublime thema
Para um doutor!
Mas se me dizes
O que é a dôr,
O que é o frio,
O que é calor,
Dir-te-hei, oh bella,
O que é amor.

Amor não soffre
Definição,
Sente-se o effeito
D'essa paixão,
Que róe no peito
O coração.

Sentil-o posso,
Dizel-o não,
É frio, é febre,
É um volcão;
É tudo a um tempo
Sem confusão.

Amor é tudo
Por modo tal,
Que eu não sei dar-te
Um só signal;
Para explicar-te
Seu natural,
Sei que da vida
Elle é causal:
Mas tambem mata,
Tambem faz mal;
Ora é divino,
Ora infernal.

Ora nos mostra
Na terra o céo
N'um rosto lindo
Como é o teu,
Quando dormindo
Se volve ao meu;
Ora em noss'alma
C'um gesto seu
O inferno embebe;
Que mais sei eu?
Amor é tudo,
É um Protheu.

Queres um meio
Para o saber?
É a quem te ama
Corresponder;
Á sua chamma
Tu has-de vêr
Que melhor cousa
Não póde haver.
Correspondido,
É tal prazer,
Que mais os anjos
Não podem ter.

---

## AH! TU NÃO SABES!

Àh! tu não sabes como eu soffro, anjinho!
Que duro espinho me atormenta a vida,
Vives alegre n'um viver de flôres
E eu soffro dôres só por ti, querida!

Amo-te muito! meu amor é tanto,
Como esse pranto que me banha o rosto,
Nas horas mortas de uma noite longa
Que mais alonga meu senil desgosto!

Ah! tu não sabes que poema ingente
Solétro crente n'este amor, querida!
Vi-te, adorei-te, e a teu sorrir, criança,
Minha esperança renasceu com vida!

Amo-te muito! sem te vêr não vivo!
Anjo revivo, se o olhar que é teu,
Paira na fronte do defunto andante,
Sem fé, errante, soluçando atheu.

Dá-me um sorriso! viverei comtigo!
Teu rosto amigo velará meu pranto,
E quando a morte me privar da vida
Só tu, querida, escutarás meu canto!

Ah! tu nasceste para mim! sê minha!
Anjo ou rainha, sem amor não vivo!
Ama o poeta que já vive pouco,
Que ama-te louco e morrerá captivo!

*A. J. de Almeida e Silva Junior.*

---

# LUNDÚ

---

## O LADRÃO DO FRADESINHO

O ladrão do fradesinho,
Deu agora em confessor,
Eu em confissão lhe disse:
—Frade, não quero teu amor.

Este amor não é meu,
É de Raphael,
Quando Raphael fôr
É de quem quizer;
Aturai minhas raivas,
Meus calundús.
Apesar das cousinhas
Que eu bem quizer,
Ai! me larga, diabo,
Ai! me solta, demonio;
Diabo do frade,
Que frade damnado,
Me solta os babados,
Meu bom Santo Antonio.

Elle um dia me encontrou
Lá na rua do Ouvidor,
Eu gritando lhe disse:
— Frade, não quero teu amor.

Este amor não é meu — etc.

Frade, se queres ter vicio
Antes seja jogador,
Vai encommendar defuntos
Na igreja de S. Salvador.

Este amor não é meu — etc.

# MODINHAS

## QUAL SALTANTE PASSARINHO

(MODINHA BAHIANA)

Qual saltante passarinho
Que apesar de preso canta,
E que longe da consorte
Sempre seus males espanta;

Tal eu faço á Nize ausente
De teus mimosos agrados,
Pois que de muitos os brados
O mal minoram de um ente.

*José Joaquim dos Reis.*

---

## OH! LILIA

Oh! Lilia, de ti distante
Eu soffro cruel tormento,
O teu formoso semblante
Me lembra a cada momento.

Se o cruel fado oppressor
Quer que eu passe assim a vida,
Se as saudades, pranto e dôr
Só me dá sorte homicida,
Eu quero a vida acabada;
Adeus, ó Lilia adorada,
Meu terno suspiro aceita:
Deixa louco a tua amada
Já que teu amor rejeita.

Dize, ó Lilia adorada,
Se te não move o meu pranto,
Tu zombas de meus tormentos,
P'ra que me desprezas tanto?

Deu-te acaso a natureza
Insensivel coração,
Ou te deu tanta belleza,
Tanta graça e perfeição,
P'ra que eu fosse desgraçado?
Tira-me a lei de meu fado
Que me faz sempre infeliz;
Vou morrer abandonado
Porque o fado e Lilia o quiz.

---

## AS TERNURAS DE MEUS AIS

Seccos troncos, duras penhas
Que em silencio me escutaes,
Parece que estaes sentindo
As ternuras de meus ais.

De sensiveis os teus olhos
São os mais ternos signaes,
Pois repetem com ternura
As ternuras de meus ais.

Antes quero vêr meu peito
Passado de mil punhaes,
Do que vêr escarnecido
As ternuras de meus ais.

Sentem troncos, sentem penhas,
Sentem feros animaes,
Só tu, Marilia, não sentes
As ternuras de meus ais.

Justos céos, que em negra sombra
Meus queixumes escutaes,
Talvez que vos enterneçam
As ternuras de meus ais.

Faze, cruel, se é teu gosto,
Ditosos os meus rivaes,
Dará mais gloria ao exemplo
As ternuras de meus ais.

Se o céo te quizer punir
Dos teus crimes capitaes,
Póde ser que abrande o céo
As ternuras de meus ais.

Se amor com amor se paga,
Anda, vem, não tardes mais,
Vem para vêr com ternura
As ternuras de meus ais.

## O TABERNEIRO

Murmura o mundo que o taberneiro
E ratoneiro por vender—toucinho,
Seja rançoso, seja bom, por preço
Que não esqueço—bem puxadinho.

Se vende a carne por pataca a libra
Na corda vibra da pobreza humana,
Que diz ser caro, sem saber se o gado
Após cortado, lá no peso engana.

Se vende um queijo por dous mil e cem
Para um vintem só de lucro haver,
Dizem que o pobre taberneiro *honrado*
É malcriado até no off'recer.

Quando elle julga estar mui descançado,
Já reclinado sobre o seu balcão,
Lá entra o preto da visinha e diz:
« Nhonhô Luiz, m'esqueceu sabão. »

Só vende á vista, e jámais fiado
Café torrado com feijão moido;
Tambem lá vende ao melhor freguez
Por trinta reis, seu maduro ardido.

O taberneiro vende arroz, farinhas,
Tambem sardinhas, capilés e massas;
Vende presuntos, marmeladas finas,
Paios em tinas, salchichões e passas.

Quasi que deve se chamar barbeiro
Ao taberneiro — pois que dá sangrias,
As d'este tornam as pessoas quentes,
As d'outro algentes — dizer quero frias.

Feijões que vende: amendoim, cavallo,
Vejam, não fallo no que é mulatinho,
Pois se desejo dar um beijo — é asneira
Dal-o á torneira d'um barril de vinho.

Esta bebida é a que dá confôrto,
Se é do Porto! — note bem, do velho,
É um regalo. Depois da moafa,
Mesmo a garrafa nos parece espelho.

Por ella vê-se com pezar profundo
Que todo o mundo p'ra mentir nasceu,
Dizer o mesmo que o taberneiro
É ratoneiro?... — Elle diz: não eu.

O taberneiro é p'ra mim sujeito
P'lo qual engeito o melhor bocado,
Principalmente quando elle diz:
Se é para o Diniz tudo dê fiado.

Todos bem sabem o que é fiado,
É genero dado p'ra pagar depois,
Com a differença que no ir sommar
Vem-se a pagar em vez de um bico — dois.

*Gualberto Peçanha.*

## NÃO SOU INGRATO

Quando tristonho, taciturno fujo
Sem teu semblante seductor olhar,
Comtigo dizes suspirando :—Ingrato!
Morro por elle, não me sabe amar.

É que te enganas! eu padeço e muito,
Mas te consagro santo amor profundo:
Não sou ingrato; quero dar-te um culto,
Mas em silencio sem que saiba o mundo.

Sou mui cioso; mas a sorte avára
Póde teus dotes me querer roubar:
Diz:—da florinha que será—coitada—
Se o tenue orvalho lhe vier faltar?...

A vida agora sobre um chão de flôres
—Rio de sonhos—deslisando vai;
Se o sol crestal-a n'uma tarde amena
Murcha de mimos—sem aromas cahe.—

É este o mundo que illude—o eden
Que prende os olhos, nossa vida encanta:
São nossos sonhos, festivaes prazeres,
Dourada taça de ventura santa.

Sonhar me deixa com a mente em chammas
Em quanto a criança do amor resplende:
Em quanto o peito não baqueia exhausto
De encontro aos prantos que o soffrer accende.

Amo-te muito; mas eu temo ainda
Que a dôr, que dorme n'este peito morto,
Acorde intensa por manhã de inverno,
Então me fine sem achar conforto.

Não sou ingrato! mas a labareda,
Queimando o cedro que campêa augusto,
Um dia póde, levantando incendio,
Queimar o debil pequenino arbusto.

E se algum dia — a padecer — disseres:
Que é d'essas rosas de minh'alma vivas?
Não te respondo: o furacão crestou-as
Aos toscos beijos de paixões lascivas.

Não sou ingrato! mas na primavera
Tenho provado tantas amarguras,
Que sem esp'rança o coração já velho
Receia fallas de amorosas juras.

Antes tem pena do soffrer do vate
Que outr'ora a vida lhe correu bem mansa;
O peito gasto é um jardim esteril
Onde não medra luminosa esp'rança.

Eu me arreceio de dizer-te, virgem,
Que te consagro santo amor profundo.
Não sou ingrato! quero dar-te um culto,
Mas em silencio, sem que o saiba o mundo.

. Paulo — 1866.

*Gratulino Coelho.*

# LUNDÚ

---

## EU NÃO GOSTO DE OUTRO AMOR

Lundú bahiano pelo padre Telles.

Eu não gosto de outro amor
Que não seja amor de cá,
É amor muito gostoso
Amor de minha sinhá.

Seus affectos, seus quindins
Enfeitiçam o mundo inteiro,
Faz escravos homens serios
O terno amor brazileiro.

Eu zombei por largo tempo
De seus laços, suas prisões;
Eu zombei do captiveiro
Dos mais ternos corações.

Não mais quiz o deus do amor
Consentir a zombaria,
Pois ao vêr certos olhinhos
Fez-me preso n'esse dia.

Ninguem pois deve zombar
D'esse amor tão feiticeiro,
Quando julga que está livre
É o mais prisioneiro.

É conselho de quem ama
Certos olhinhos de cá:
Affectos, quindins, requebros,
Só os de minha sinhá.

---

# MODINHAS

---

## OS MEUS AMORES

Tu és um anjo na terra
E no céo um seraphim,
Dos prados a bella flôr,
E's a rosa do jardim.

E's o lustre que clarêas
O mais escuro salão,
Das damas formoso typo,
Dos homens a perdição.

Das jarras a linda flôr,
Dos canteiros o alecrim,
Tu és um anjo na terra,
E no céo um seraphim!

---

## QUANDO EU MORRER, CHOREM TODOS MINHA MORTE

Para ser cantada com a musica da modinha — *Quando eu morrer ninguem chore a minha morte*

Quando eu morrer, chorem todos minha morte,
Cerquem meus amigos o meu leito,
Mas arrastem essa ingrata bem p'ra longe,
Pois não quero o contacto de seu peito.

Tudo desejo, muitas flôres em meu tumulo,
Immensa gente junta ao corpo do finado,
Mas não ella, inda que me traga a vida,
Escondam meu cadaver já gelado.

Deixem minha pobre mãi verter seu pranto,
Cerquem-a de tudo quanto amei,
E que n'esses amores de volupia
Ella chore o retrato que lhe dei.

A meu pai — (escusado é fallar n'elle)
Deixou-me no mundo ignorado e triste,
Hoje d'elle não me resta uma lembrança
Uma só lagrima em meus olhos não existe.

Nada mais quero, chorem todos minha morte,
Cerquem meus amigos o meu leito,
Mas arrastem essa ingrata bem para longe,
Pois não quero o contacto de seu peito.

---

## A MULHER

Poesia do snr. Guedes Junior, e musica do snr. Calado Junior

A mulher, esse dragão da humanidade
Que a obra mais perfeita maculou,
Não é dado do crime abstrahir-se,
Pois ferrete fatal a indigitou.

O bondoso e incauto homem
Vai á mulher agradar,
Mas a cruel, fementida,
Duro fel lhe faz tragar.

*

A mulher quando ostenta seus carinhos
É p'ra o homem arrojar á negra dôr,
E elle tão benigno, tão improvido,
Cada vez lhe consagra mais amor.

O bondoso e incauto homem — etc.

A mulher quando diz amar o homem
É com o fim de executar a falsidade,
E se d'isto se preserva algumas vezes
Não é por lhe ter grande amizade.

O bondoso e incauto homem — etc.

A mulher tem o attributo da maldade
Que muitas vezes se divisa em seu semblante,
E sempre procurando o atroz embuste
Vai alfim apunhalar o peito amante!...

O bondoso e incauto homem — etc.

A mulher sempre tem em sua mente
O desejo do artificio e da illusão,
Ella vai atraiçoar o incauto homem
Quando mesmo lhe offerece a sua mão!...

O bondoso e incauto homem — etc.

A mulher inda dotada de bondade
Sempre tem o caracter de perjura,
E' condição da qual nunca se afasta
Senão quando intervem a parca dura!...

O bondoso e incauto homem—etc.

---

## TRISTES SUDADES

Modinha bahiana, por Damião Barbosa

De saudade lastimosa
Que persegue amantes peitos,
Eu soffro n'esta alma afflicta
Os crueis duros effeitos.

Quem dera me ouvisse
Alguem de ternura,
Que meigo escutasse
A minha amargura!

Tristes saudades padecem
Peitos a amor sujeitos,
Conheço por experiencia
Os crueis, duros effeitos.

Quem dera me ouvisse—etc.

Ciumes, ais não conhecem
Peitos a vigor afeitos,
Pois quem ama é quem sente
Os crueis, duros effeitos.

Quem dera me ouvisse — etc.

## AO LUAR

Era no estio quando a sombra tua
Pallida á lua — tão formosa eu vi;
N'esse teu rosto tão fulgente e bello
Um dôce anhelo — vi raiar p'ra mi!

Então eu presa de vertige' ardente
Cahi tremente — a teus pés, ó virgem:
Tu te sorriste para mim a eito
E no meu peito — vi de amor a origem!

Desde esse instante de amoroso enleio
Eu no teu seio — me reviver senti;
Lembras-te, ó anjo, que luar fazia?
Que poesia — contemplar-te, houri!

Oh! bem te lembra, minha virgem bella,
Que arage' aquella suspirava alli;
Era no estio quando a sombra tua
Pallida á lua — tão formosa vi!...

---

## O OPULENTO

Eil-o que passa nos seus trens faustosos,
Ebrio das pompas que a riqueza dá,
Solta dos olhos um olhar d'affronta,
Ligeiro roda e nem se avista já.

Insulto, escandalo á miseria extrema
Que ás portas do infeliz bate só,
Vive em penuria, se é viver a vida
Eivada sempre de martyrio e dó.

Por altas noites em salões dourados
Se agitam danças de um folgar sem fim,
E o rico mostra esplendor que ostenta
Ornatos proprios de um real festim.

Soam descantes e harmonias soam
Que infiltram n'alma a languidez d'amor,
E entre os folguedos que de véos se rasgam,
Celestes véos de virginal pudor!

E as noites voam, fugitivas, ledas
Entre as delicias que ventura tem,
E aos sons festivos que ao prazer convida
Lá vão saudosas murmurando além.

Ás mesmas horas quantas familias gemem
Tragando o calix d'amargoso fel,
A quantos crimes não arrasta a fome
Com seus tormentos de um pungir cruel!

Triste viuva que vivia pobre
Luctando em balde contra acerba dôr,
Vendeu as filhas ao brilhar da infamia,
Cedeu ao crime. Santo Deus, que horror!

Sobre as escadas de um mosteiro antigo
Que a lua esmalta com saudosa luz,
Dous orphãosinhos sem um tecto ao menos
Á sombra dormem do velar da cruz.

Honrado artista sobre um leito humilde
Cahe sem alento que não póde mais,
Trabalha sempre na miseria immerso
P'ra soffrer penas no porvir fallaz.

Velho soldado que ao bradar da patria
Vertera o sangue no calor da acção,
Vergonha, opprobrio, maldição eterna
Hoje esquecido lá mendigam pão!

A casta virgem á penuria cede;
Do erro ao crime só um passo vai,
Era hontem pura, criminosa hoje,
Amanhã perdida nas orgias cahe.

E o rico folga nos saraus luzidos
Sorrindo a todos com um sorrir mordaz,
E o rico baldo aos sentimentos nobres
Seu ouro esgota no prazer fallaz.

Só não tem ouro p'ra valer ao pobre,
Só não tem ouro p'ra calar a dôr,
Só não tem ouro p'ra salvar a virgem
Dos torpes laços de um mentido amor.

Homens ditosos que folgaes no luxo,
Vergai á dôr, á compaixão vergai,
E os agros prantos de martyrio e sangue
Nos baços olhos do infeliz seccai.

Dai-lhe o sobejo d'essas mesas lautas
Que as mais das vezes arrojaes ao chão,
Folgai embora, mas roubai á fome
Tantas familias que mendigam pão.

---

# LUNDÚ

---

## NÃO AMO AOS GOSTOS DOS MAIS

Que se importa o mundo injusto
Com meus suspiros e ais?
Não dou satisfação ao mundo,
Não amo aos gostos dos mais.

Hei-de seguir
Meu coração,
Embora o mundo
Diga que não.

Dizem que eu tenho mau gosto,
Me dão razões taes e quaes;
Não dou satisfação ao mundo,
Não amo aos gostos dos mais.

Hei-de seguir — etc.

Uns dizem que ella é feia
Outros, tamandoais;
Não dou satisfação ao mundo,
Não amo aos gostos dos mais.

Hei-de seguir — etc.

## A PERPETUA

Vinde, perpetua, habitar
Junto d'este peito meu;
Vinde mitigar as dôres
Que um amor me concedeu.

Vinde, perpetua, apressada
Junto a meu peito habitar;
Vinde estas dôres sem fim
Com tua imagem findar.

Perpetua, tu só vieste
Gravar-me uma esperança;
Comtigo veio a saudade
Confirmar nossa alliança.

Descança, perpetua pura,
No meu peito, até que um dia
Essa esperança que trazes
Do hymeneu seja alegria.

## O PRISIONEIRO

Ai! captivo, tão moço vivendo
N'este forte, no mar sem ninguem,
Cada dia te espero gemendo
Como espero ser livre tambem.

Rainha das ondas, na barca ligeira,
Aos echos cantando dirige-te ao mar;
São dôces os ventos, a onda é fagueira
E o céo é sem nuvens, tu pódes vogar.

D'estas aguas altanas tão bellas,
E teu seio que lindo que está!
Tão suave, quem sopra-te a vela?
Meiga briza, ou amor? quem será?

Rainha das ondas — etc.

Tu, esperança, m'inunda este peito!
Ai! se queres d'aqui me arrancar,
Eu te sigo, a ventura eu aceito,
Quero livre outras plagas pisar.

Rainha das ondas — etc.

Porque páras? a dôr que me cança
Despertou-te este pranto p'ra mim?
Semelhante á fugace esperança
Ai! me foges, e eu vivo inda assim!

Rainha das ondas — etc.

Enganou-me illusão tão querida!
Mas que vejo? m'estendes a mão?
Astro amigo que prendes-me a vida,
Ámanhã seguirei teu clarão.

Rainha das ondas — etc.

---

## SAUDADE, FUGI DE MIM

Saudade, fugi de mim,
Levai comvosco os pezares,
Vêde que minha Marilia
Não pisa mais estes lares.

Foi-se o prazer,
Foi-se a ventura;
Debalde lucto
Contra a amargura.

Por acinte do destino
Que folga com meus penares,
Veio a mim, foi-se tão cedo,
Não pisa mais estes lares.

Foi-se o prazer,
Foi-se a ventura;
Debalde lucto
Contra a amargura.

---

## A VIUVINHA

Ai de mim, triste viuva
Na pobreza abandonada;
Já não tenho meu marido,
Ai de mim, triste coitada.

Passo dias entre angustias
N'uma triste solidão;
Minha sorte foi-me avára,
Só em mim sinto paixão.

Meu trajar são vestes tristes,
Oh! meu Deus, Deus de bondade:
Meu viver fel amargoso,
De mim tende piedade.

Tenho em mim cruel tristeza,
Já não gozo um só prazer;
Já não tenho pai nem mãi,
Só me resta hoje morrer.

Carpindo junto ao sepulchro
Os restos do meu amor;
Sinto no peito convulso
Suffocar-lhe horrenda dôr.

Oh! morte, porque não vens
Meus tristes dias findar?
Vinde, por Deus, eu te peço,
Á campa quero baixar.

Ai de mim, triste viuva
Na pobreza abondonada;
Já não tenho meu marido,
Ai de mim, triste coitada.

## COMO EU AMEI

Amei as flôres que me ornaram o berço,
Amei os cantos d'uma mãi querida;
Amei a virgem que aqueceu-me o culto,
Amei o anjo que me deu a vida.

Amei do lirio a candidez tão pura,
Amei da harpa o sentido harpejo,
Amei as flôres que se inclinam tristes,
Amei da virgem o ardente beijo.

Amei da rola a tristonha queixa,
Amei sorrindo o nascer d'aurora;
Amei o lago todo crespo ao vento,
Amei a bocca que beijei outr'ora.

Amei das salas o trajar e galas,
Amei os risos, os festões, as flôres,
Amei a orchestra que morria em ais,
Amei da morte seus crueis horrores.

Amei a gloria, com loucura e ancia,
Amei da taça o calor do vinho,
Amei o collo que aqueceu-me a fronte,
Amei das matas o gentil pombinho.

Amei do piano o correr de uns dedos,
Amei da estrada o ancião curvado,
Amei da vida o sorrir fingido,
Amei do jogo o cahir do dado.

Amei do orphão a sentida prece,
Amei da noiva a corôa pura,
Amei dos bailes o rodar da valsa,
Amei as letras d'uma sepultura.

Amei a tocha accendida ao morto,
Amei dos labios a rouxidão da morte,
Amei do morto o contrahir das faces,
Amei do preso o carpir da sorte.

Amei do pobre o esfarrapado manto,
Amei da lua a brilhante luz,
Amei a flauta que em trinados morre,
Amei o martyr que morreu na cruz.

Amei das vagas o chorar sentido,
Amei de Deus o poder tão forte;
Amei ao lirio debruçado ao longe,
Amei a virgem que me deu a morte!

*J. M. Mancebo.*

---

## JULIETA

Tu és a estrella fulgurante e bella
Da noite immensa d'esta vida incerta,
És os meus sonhos, a visão bemdita
De encantos divos e de luz coberta.

E então do peito no segredo eu guardo
Teu nome santo—festival reliquia,
Teu rosto meigo me acompanha sempre,
Anjo bemdito que ao poeta guia.

Vejo-te ás vezes e meu amor se augmenta,
Mais este fogo me consome a alma,
Soffro martyrios, os espinhos crescem
D'esta existencia na mirrada palma.

Amo-te muito! minhas mãos nas tuas
Tremem tocando n'uma chamma ardendo,
Se os olhos fito nos teus olhos negros,
Digo um poema que só eu compr'endo!

Anjo formoso que eu adoro a medo
Id'lo bemdito do meu culto santo,
Um pensamento para mim que soffro,
Dar-te-hei a vida, meu amor, meu pranto.

E quando inerte repousar p'ra sempre
Na campa fria que o viver consome,
Passa em meus sonhos festival, sorrindo,
E eu morto mesmo bemdirei teu nome.

*A. J. de Almeida e Silva Junior.*

---

# LUNDÚ

---

## É BEM BOM, NÃO DOE NEM NADA

Minha dôce yáyásinha
Quando está toda enfadada,
Dá pancadinhas na gente...
É bem bom, não dóe nem nada.

Gosto d'ella
Só por isso,
Que a pancada
Tem feitiço.

Ás vezes bulo com ella
Para vêl-a amofinada,
Dá-me e... puxa-me os cabellos,
É bem bom, não dóe nem nada.

Gosto d'ella
Só por isso,
Que o enfado
Tem feitiço.

*

Hontem bricando com ella
Pregou-me uma dentada,
Clamei-lhe mesmo ferido:
É bem bom, não dóe nem nada.

Gosto d'ella
Só por isso,
Que a dentada
Tem feitiço.

Um dia dando-lhe um beijo
Pôz-me a lingua ensanguentada,
Então me rindo lhe disse:
É bem bom, não dóe nem nada.

Gosto d'ella
Só por isso,
Que seus modos
Tem feitiço.

# MODINHAS

---

## FOI POR MIM, FOI PELA SORTE

Foi por mim, foi pela sorte
Minha desgraça tecida,
Sou, ó céos! bem desgraçado,
Nem morro, nem tenho vida.

Por não ter um desengano
Da minha Marcia querida,
Vivo em continua afflicção,
Nem morro, nem tenho vida.

Do ciume abrazador
Vive est'alma combatida,
N'esta lucta desastrosa,
Nem morro, nem tenho vida.

Só da fera desventura
É minh'alma perseguida;
Ah! mentiu-me o duro fado,
Nem morro, nem tenho vida.

## AI DE MIM

Poesia do snr. Innocencio Rego, e musica do snr. José J. Alves

Gemendo em vão minha dôr,
Mil suspiros vou soltar;
Consumo assim minha vida
Triste pranto a derramar!

Ai de mim! eis meu viver,
Suspirar até morrer.

Aquella que eu tanto adoro
Menospreza o meu amor,
Deixa-me assim ir penando
Soffrendo cruenta dôr!

Ai de mim! eis meu viver,
Suspirar até morrer.

Victima da desventura,
Soffrerei a minha sorte,
Deixarei de padecer
Quando emfim vier a morte!

Ai de mim! eis meu viver,
Suspirar até morrer.

## NOSSA MÃI

Ama o bardo seus cantos, seus sonhos,
Como póde na terra se amar,
Passam annos, já velho, infeliz,
Nem dos sonhos já quer-se lembrar.

Dôces phrases d'amor mutuamente
Os amantes só sabem jurar;
Mas o tempo, a distancia, a ausencia
Tudo póde essas juras quebrar.

Cresce a flôr junto á margem do rio
E perfumes só quer exhalar;
Nós amamos a flôr quando é bella,
Desprezamos se a vemos murchar.

Mas o tempo, a distancia, não podem
De uma mãi, o amor acabar;
Minha mãi, eu vos amo na terra
Como a Deus lá no céo hei-de amar.

Este amor nem a morte cruel
Poderá em minh'alma acabar;
Se na vida vos sagro meu peito
Junto á campa irá elle estalar.

Ha-de o tempo, a distancia, a ausencia,
D'este amor dôce laço estreitar;
Minha mãi, eu vos amo na terra
Como a Deus lá no céo hei-de amar.

# CANÇÃO

---

## A INFELIZ

Já meu bem desceu á tumba,
Descança na fria lagem,
Só o verde-negro cypreste
Lhe rende triste homenagem.

Os jasmins, saudades, lirios,
Tudo o tufão dispersou;
Apenas um triste goivo
Com o meu pranto brotou.

Vem terminar os meus dias,
Oh! parca! querida amiga;
Depois, orvalha meu tumulo;
Meus ossos frios abriga.

E tu, ó lua fagueira,
Nas noites tristes de maio,
Te rogo, por piedade,
Dc tua luz — um só raio.

---

# RECITATIVOS

## O PERDÃO

Se eu fôra um cuidado, quizera affligir-te,
Se eu fôra a saudade, quizera ralar-te,
Se eu fôra um punhal, quizera ferir-te,
Se eu fôra um veneno, quizera matar-te.

Se eu fôra uma dôr, quizera doer-te,
Se eu fôra o abysmo, quizera sumir-te,
Se eu fôra uma cobra, quizera morder-te,
Se eu fôra um volcão, quizera engulir-te.

Se eu fôra o remorso, quizera roer-te,
Se eu fôra o demonio, quizera tentar-te,
Se eu fôra um malvado, quizera perder-te,
Se eu fôra uma féra, quizera tragar-te.

Mas ah! qu'eu não sou nem punhal, nem veneno,
Nem cobra, demonio, remorso, cuidado,
Não sou a saudade, nem féra, nem dôr,
Volcão eu não sou, abysmo, malvado.

Sou homem que teme de Deus o poder,
Que d'um miseravel tem dó, compaixão,
Perdôo-te os males que tu me fizeste,
E tudo perdôo, porque sou christão.

## LUIZ

(Do drama do mesmo titulo)

Como o ribeiro, que desdobra rapido,
Ama da estrella o scintillar inquieto,
Amo teus olhos, que no fogo timido
Vem reflectir-se no sonhar dilecto.

Como na praia do areal um atomo
Ama das ondas o partir nevado,
Amo teus risos que descobrem perolas
Dormindo em leito de setim rosado.

Como dos ramos no arquejar monotono
Ama a avesinha, balouçar-se á briza,
Amei teu seio, no palpite languido,
Quando a meu seio te prendia, Elisa.

E como o bardo, no sonhar phantastico,
Ama a lembrança, que levou da festa,
Adoro o sonho, que desparze balsamos,
Amo a saudade, que de ti me resta.

*Ernesto Cibrão.*

## VOTO DE AMIZADE

Raiou o dia em que a virgindade
De uma deidade,—branco véo cingiu
Sorrindo alegre eil-a pressurosa,
Meiga e ditosa sua tez cobriu.

Hoje que um canto de meus labios pende,
Que minha voz fende, embalsamando o ar,
Sinto n'esta alma um prazer ingente,
Que de contente não posso occultar.

Feliz teu passo seja no universo...
Que eu possa em verso teu viver cantar,
Q'inda uma flôr mimosa e innocente
Da fraca mente te possa offertar.

Feliz, feliz teu novo estado seja...
Que a falsa inveja, não ouse manchar,
Sempre em teu lar, seja a paz amiga
Que sempre siga teu feliz trilhar.

Não vês a pompa, o luxo e o brilho
Simples, mas filho do amor mais puro,
São incentivos, que guardar não deve
Quem te prescreve, um feliz futuro.

É dom que ha muito, no peito encerrado
Bem conservado, só agora sahe...
Qual pura essencia, que ha mui guardada
Mas derramada na amplidão se esvai.

Não vês aqui o grupo encantador
Que só o amor por ti, aqui o chama?
São incentivos que ninguem occulta,
Que só se escuta, quando só se ama.

Exulta pois tambem, feliz esposa,
Minha mente ousa, a ti versos fazer,
Faltos de logica, porém não rimados,
São simples dados, d'um fraco saber.

Aceita o fructo d'um fraco talento
N'este momento é o prazer quem falla,
Não é fingido mas sim verdadeiro,
Pois é o primeiro que meu peito exhala.

*P. B. C.*

---

# LUNDÚ

---

## FOI ASSIM O SEU AMOR

Foi assim o seu amor,
Como a onda elle passou,
Foi esperança de um dia
Que o desengano matou.

Foi assim o seu amor,
Dubio brilhar d'uma estrella,
Em céo escuro e turvado,
Vão capricho de uma bella!

Foi assim o seu amor,
Exhalação venenosa
De uma flôr que simulava
Ser innocente e mimosa.

Foi assim o seu amor,
Infiel, mentida jura,
Promessa que fôra santa
Se a fizesse um'alma pura.

---

# MODINHAS

---

## N'ESTE SITIO, QUANDO A NOITE

N'este sitio, quando a noite
E' da morte uma expressão,
O silencio se perturba,
Solta um ai meu coração.

Volta suspiro a meu peito
Ou nos ares vai morrer,
Quero em minh'alma esconder
Meu amor, minha paixão.

Quando á noite a natureza
Parece não ter acção,
Por violencia de amor
Solta um ai meu coração.

Volta suspiro a meu peito
Ou nos ares vai morrer,
Quero em minh'alma esconder
Meu amor, minha paixão.

---

## O DESALENTADO

Não me importa do baile o bulicio,
Nem da orchestra sonora harmonia;
Não me importa que um peito descrente
Já não sente do mundo alegria.

Já não sente do mundo fingido;
Só deseja viver esquecido.

Se na valsa acham outros ventura
Que as tristezas lhe faça esquecer;
Eu só acho mudanas lembranças
D'um eterno e pungente soffrér.

Ai! tão joven, as crenças perdi,
Deixo o mundo, p'ra elle morri.

Eu no baile só vejo mentira
Proferida por bocca enganosa,
Quanta dama ao findar uma valsa
Não se julga p'ra sempre ditosa!

Eu não creio nas juras mentidas,
Que se tornam em breve esquecidas.

N'essas galas que as bellas adornam
Já não vejo senão seducções;
São ornatos que a ellas só servem
P'ra attrahir e prender corações.

Corações inexpertos que esquecem
Que essas galas em casa fenecem.

Essas festas que outr'ora eu amava
Quero d'ellas agora fugir;
Que m'importa prazeres do mundo,
Se eu não quero taes gozos fruir?

Fujo ao mundo em que só acho dôr
Em retorno de um candido amor.

---

## COMO É BELLO DA DONZELLA

Nova modinha para ser cantada na musica — *São ciumes d'uma ingrata*

Como é bello da donzella
Ouvir fallar dôcemente,
Quando prostra-se a seus pés
Triste infeliz padecente!

Como é bello da donzella
A pureza e castidade;
Como é bello a donzella
Ter em tudo lealdade!

Como é bello da donzella
Seu pésinho delicado,
Seu andar tão feiticeiro
Que captiva ao desgraçado!

Como é bello da donzella
Seu trajar com singeleza,
Ser mui casta e virtuosa,
Ter em tudo só nobreza!

Como é bello a donzella,
Ser em tudo virtuosa,
Do Senhor ser crente filha
Padecente e carinhosa!

É mais bello do que tudo,
N'este mundo indifferente;
Vêr de um anjo dôce riso
Casto, puro, e innocente!

*Adeodato Socrates de Mello.*

---

# RECITATIVOS

---

### SAUDADES

No cimo dos montes, ao som da corrente
Que a lua tremente prateia ao fulgir,
Que horas eu passo — scismando, scismando
E ás sombras fallando que vejo surgir!

Agora no encosto da penha escalvada
Diviso estampada de negro uma cruz;
E tu, junto d'ella, pousar vagarosa,
Oh! virgem formosa, banhada de luz!

Depois de joelhos, os labios agitas,
E tremes, palpitas, pedindo ao Senhor;
Talvez me converta da vida os espinhos
Em brandos carinhos, em sonhos d'amor!

Immovel outr'ora na plaga deserta
Eu vejo-te incerta, celeste visão,
Cruzando teus braços no seio tão bello
E o negro cabello rojando no chão.

Ao brilho dos astros, da briza ao alento,
Ao vago lamento do rio a chorar,
Eu ouço-te e vejo-te, ó candida imagem,
Do bosque a folhagem passando agitar.

De ti separado — que fundo martyrio!
Eu sinto em delirio qu'esta alma s'esvai;
E quero do exilio, na dôr que me opprime,
Um grito sublime mandar-te n'um ai!

Agora que a lua parece que a medo
A face em segredo saudosa escondeu;
Eu juro que a morte não póde apartar-nos
E havemos amar-nos na terra e no céo!

*Augusto Emilio Zaluar.*

---

## Ó MEIGA VIRGEM

O' meiga virgem divinal, querida,
Tem pena, escuta meu cruel soffrer,
Vem aos meus braços alentar a crença
D'um peito exangue, que só faz — gemer.

Que tem que o mundo te maldiga e zombe
Se dar-te eu posso meu amor ardente?
Que val escarneos sem razão d'um louco,
Que val seus cantos, seu sorrir demente?

Que val promessas d'um gozar infindo
S'em breve as juras tu virás quebrar?
Só ama o bardo que deseja encantos
Um dia ao menos bem feliz gozar.

Só ama a briza quando vem saudosa
Beijar mansinha divinaes madeixas;
Só ama a vaga, que bramindo á praia
Entrega aos ventos gemebundas queixas.

Só ama o céo a pallidez da flôr
Que pende á tarde quando o sol é forte;
Que mesmo secca nos jardins perdida,
Manda o orvalho prantear-lhe a morte.

Só ama o triste que viveu no mundo
Santa lembrança que murchou no peito,
Só ama o crente que desceu ao nada
A cruz gelada do marmoreo leito.

Não dês ao mundo teu amor ditoso
Nem tantos sonhos que febril desejo,
Q'eu quero dar-te bem feliz, a sós,
Na lyra—um canto,—no teu collo um beijo.

*Mello Moraes, filho.*

# LUNDÚ

## DIZEM QUE SOU BORBOLETA

Dizem que sou borboleta,
No amar sou bandoleiro,
A culpa tem quem me forja
Os ferros do captiveiro.

Não posso vêr moça bella
Sem amor me titilar,
Sou feito de carne e osso,
Por força me hei-de dobrar.

Se ha moças que vibram
Olhar tão ardente,
Que o peito da gente
Queimando,
Cortando,
Rasgando,
Lá dentro nos vão
Accender a paixão;
O mais insensivel
Por bem ou por mal
Terá sorte igual:

Amará,
Gemerá,
Se verá
Captivo por fim;
Eu cá penso assim.

Se vejo moça corada,
Fico de amor abrazado;
Moça pallida e romantica
Põe-me todo derrotado.

A moreninha me encanta,
Me derrete, me maltrata,
Me envenena, me enfeitiça,
Me fere, me abraza e mata.

Por todas eu sinto
O meu coração
De gosto e paixão
Ferido,
Perdido,
Rendido,
Aos ferros exposto;
Por gloria e por gosto,
O mais insensivel,
Por bem ou por mal,
Terá sorte igual:
Amará,
Gemerá,
Se verá
Captivo por fim;
Eu cá penso assim.

Olhos negros e travessos
São p'ra mim settas de amor;
Os azues matam a gente,
Requebrados com langor.

Sejam grandes ou pequenos,
Ardentes, ternos ou não,
Todos elles me repuxam
Suspiros do coração.

Olhinhos hei visto,
Eu bem sei de quem,
Que tal força tem,
    Que enleiam,
    Chasquciam
    E ateiam
Voraz fogo ardente
No peito da gente.
O mais insensivel,
Por bem ou por mal,
Terá sorte igual:
    Amará,
    Gemerá,
    Se verá
Captivo por fim;
Eu cá penso assim.

Não sei o que é ter orgulho
De constancia ou de firmeza;
Eu só me orgulho de amar
A toda e qualquer belleza.

Quando estou junto das moças
Meus olhos são de tarracha,

Meu coração é trapiche,
Tenho alma de borracha.

N'um dia, n'um'hora,
No mesmo lugar,
Eu gosto de amar
    Quarenta,
    Cincoenta,
    Sessenta.
Se mil fôrem bellas,
Amar todas ellas.
O mais insensivel,
Por bem ou por mal,
Terá sorte igual:
    Amará,
    Gemerá,
    Se verá
Captivo por fim;
Eu cá penso assim.

---

# MODINHAS

---

## DE LIVRE QUE SEMPRE FUI

De livre que sempre fui
Hoje escravo me tornei;
O amor sujeita a tudo
Ao rigor de sua lei.

Inda que preso
Aos olhos teus,
Dos actos meus
Não sou senhor;
Fica-me a gloria
De ser vencido,
De ser ferido
Por teu amor.

---

## QUEM ÉS TU?

Poesia de Mello Moraes, filho, e musica de S. Rosa

Quem és tu que vens á noite
Tristesinho aqui scismar,
Fugindo de tantas galas
Que o mundo póde offertar?

Serás nota harmoniosa
D'uma lyra de crystal,
Transformada n'um anjinho
Dormindo n'um tremedal?

És fada que no silencio
A tempestade domina,
Trajando nas azas brancas
A meiga luz matutina?

Ou dos meus sonhos ardentes
E's o sêr encantador
Que vens dourar meu futuro
Aos beijos do teu amor?

Não! és orphã! no silencio
Buscas aqui te abrigar;
Quando nos finda a ventura
E' nosso allivio chorar!

E's a crença! és a saudade,
A muda expressão da dôr!
Linda per'la descravada
Do throno azul do Senhor!

## A HORA QUE TE NÃO VEJO

Poesia de Magalhães, e musica de C. Ignacio da Silva

A hora que te não vejo
E' p'ra mim hora perdida;
Se eu vivo só a teu lado
Como é curta a minha vida!

Que vida d'instantes,
Que breve existencia,
Que noites de angustias
Passadas na ausencia!

Depois que te dei minh'alma
Só vivo um'hora no dia,
Mas hoje nem gozar pude
Um momento de alegria.

Que vida d'instantes—etc.

Só, oh Silvia, nos teus braços,
Do mundo todo esquecido,
Poderei gozar n'um'hora
Da ausencia o tempo perdido.

Que vida d'instantes—etc.

---

## VISÃO DO CÉO CÁ NA TERRA

Visão do céo cá na terra,
Encanto, fada ou mulher,
As tuas chammas de amor
Abrazar meu peito quer.

Mulher, se tu és do céo,
Para que na terra vieste habitar?
Não sabes que cá n'este mundo
Todos hão-de te amar,

Todos são sensiveis,
Hão-de te adorar?
Porém, oh! Lilia,
E' natural
Que só os anjos
A ti sejam igual.

Mulher, sonho ou realidade,
De Deus philtro ou encanto,
As tuas divinas fórmas
Envolve divino manto.

---

# RECITATIVOS

## O POBRE

De porta em porta, sobre lentos passos,
Acompanhado dos filhinhos seus,
Eil-o que brada tendo os olhos baços:
«Esmola! esmola! pelo amor de Deus!»

E como a briza na amplidão dos ares
A voz do pobre se perdendo vai!
Ninguem responde — e com seus pezares
O pobre segue — desprendendo um — ai!

Esmola! esmola! n'outra porta implora;
Por ella espera de chapéo na mão;
Mas em resposta se lhe diz: «Agora
«O Deus dos céos o favoreça, irmão!»

E o coitadinho seu caminho segue,
Envergonhado de pedir assim!...
Quasi recúa — mas os olhos ergue,
Contempla os filhos — e prosegue alfim!

O dia inteiro no pedir se passa,
E' raro aquelle que um vintem lhe dá,
Depois recolhe-se á morada escassa
Onde soccorros que esperar não ha!

E quando a estrella da festiva aurora,
Enfeita os valles c'os primores seus,
Eil-o coitado! que outra vez implora,
Esmola! esmola! pelo amor de Deus!

E como a briza na amplidão dos ares
A voz do pobre se perdendo vai!
Ninguem responde — e com seus pezares
O pobre segue — desprendendo um — ai!

*Ferreira Neves.*

---

## LACRIMOSA

Lacrimosas, tristes, de meu peito as vozes,
Já sem consolo se concentram n'alma...
Perdida a esp'rança, sem futuro e crenças,
Meu Deus! a morte! p'ra ventura e calma...

Meu Deus! a morte! Se o morrer é pena,
Quero soffrel-a!... Que castigo ameno!...
Se a vida encaro, que torturas sinto!...
Se a morte eu vejo, minha dôr sereno...

Se a morte eu vejo, se esquecer eu penso
Intensas dôres, afflicções, tormentos,
Presinto allivio, que a desgraça affronta...
Mas breve passam tão subtis momentos!...

Mas breve passam n'um scismar de enganos
Caros instantes em que vejo a morte!...
Voltam-me as horas de um viver de prantos,
De dôr profunda no teimar da sorte!...

De dôr profunda, que não mais se extingue,
De um condemnado por fatal sentença!...
Em vão supplico — compaixão, clemencia...
E' minha sina — confessar descrença!...

E' minha sina — divagar no mundo
Como a barquinha que perdeu seu leme!...
Que sobre as rochas impellida bate,
Lucta com as ondas do oceano infrene!...

Lucta com as ondas como eu lucto em balde
Com mil miserias, sem parar sem fim!...
Nem mais um riso, nem sequer um riso
Na terra, os homens, inda tem pr'a mim!...

Na terra os homens, que subir desejam
Degraus do rico, portentoso e nobre,
Já sobre o pindo, no viver das honras
Não baixam olhos pr'a pensar no pobre!...

Não baixam olhos — ao degrau primeiro
Em que o pedinte se maldiz sentado!...
Em vão supplíca!... Se a justiça mostra,
Fica-lhe apenas — o prazer... coitado!...

Fica-lhe apenas — consciencia pura,
Crença infinita — que a virtude é — nada!...
E, sem arrimo, a mendigar favores
Calca os espinhos de cruenta estrada!...

Calca os espinhos maldizendo a tudo,
Té mesmo ás vozes da razão sensata,
Que val ao pobre — do saber — os fóros?...
Do pobre as letras — é o amor que mata!

Do pobre as letras, a moral, os dotes
São falsos brilhos de fallaz thesouro,
E' sabio aquelle que possue fortunas,
Que as letras troca por moedas d'ouro!...

Lacrimosas, tristes, de meu peito as vozes
Já sem consolo se concentram n'alma!
Perdida a esp'rança, sem futuro e crenças,
Meu Deus! a morte! p'ra ventura e calma!...

*Julio Cesar Leal.*

# LUNDÚ

## A QUITANDEIRA

Meu querido yôyôsinho,
Eu sou filha da Bahia,
Porque passa sem comprar
Um figo ou melancia?

Sô yôyô, porque quando passa
Os olhos quebra p'ra mim?
Olhe, yô-yô, p'ra quebranto
Tenho figa de marfim.

Yôyô me compre uma fruta
Que eu tenho no taboleiro,
Pegue n'ella, meu yôyô,
Pegue, *ande*, tome o cheiro.

Tenho tambem uma fruta
Que yôyô ha-de gostar,
Mas tambem se ella quizer
Muito caro ha-de pagar.

Veja como ella está
Bonitinha e tão inchada,
E' *escorregar* com os *cobres*
E dê lá sua *dentada*.

Então gostou, maganão?
Isso mesmo eu dizia,
Já vê que as frutas gostosas
São as que vem da Bahia.

---

# MODINHAS

---

## EU VI UM SABIÁ CANTANDO

Musica do snr. J. S. Arvellos

Eu vi um sabiá cantando
N'um ramo, terno e sósinho,
Cantava, porque não via
A sua belleza no ninho.

Ai! ai! ai! ai!
Ó céos que dôr!
Quem póde viver alegre
Ausente de seu amor?

Eu vi um sabiá cantando
E um rouxinol tambem:
Um canta e outro responde:
Triste cousa é querer bem.

Ai! ai! ai! ai! — etc.

Ninguem nos póde privar
D'este nosso amor tão forte,
Cá n'este mundo só Deus,
Depois de Deus só a morte.

Ai! ai! ai! ai! — etc.

Adeus, ó bella menina,
De ti me vou apartar,
A corôa que nos prende
Nos quer hoje separar.

Ai! ai! ai! ai! — etc.

---

## A ESTATUA DA DÔR

Poesia de Tupinambá, e musica do snr. J. S. Arvellos

Se soubesses, cara Elvira,
Quanto soffre o coração,
Que te amo com ardor
N'esta triste solidão;

Se soubesses como vivo
Dia e noite a gemer,
Sem crença d'esta vida,
N'este ermo a padecer;

Como eu tenho saudades
De ti, minha querida,
Imperio de minh'alma,
Pharol de minha vida;

Como eu desejo findar
A vida, assim tão dura,
Que só póde lenitivo
Buscar na sepultura;

Sentirias no peito a dôr
D'essa tua ingratidão,
E os mudos labios teus
Haviam de pedir perdão.

## UM SORRISO

Poesia do snr. P. A. Brito, e musica da modinha — *Eu quizera ser eterna*

Em teus labios de carmim
Um dôce riso pairou,
E minha alma vacillante
Por teu sorriso ficou!

Dize, mulher adorada,
Porque assim te sorriste?
Falla n'essa voz de anjo
O que no peito sentiste!

Seria um riso maligno?
De odio ou de piedade?...
Mas teus labios se tingiram
D'encantos da Divindade!...

Seria um riso innocente
Que p'ra ti veio de Deus?...
Mas teu seio era agitado
E não pensavas nos céos!...

Falla para que eu morra!
O que por ti se passou?...
Seria um raio d'amor
Que de tua alma escapou?...

*

Se o foi, então com arroubos
Eu saúdo o teu sorriso...
Eu saúdo a chave d'ouro
Que me abre o paraiso!...

---

## ACABOU-SE OS MEUS TORMENTOS

N'esta gruta cavernosa
Vem-se esconder os mortaes,
Fiquem n'ella sepultados
Os meus derradeiros ais.

Acabou-se os meus tormentos,
Já soffrer não posso mais.

Rudes penhas insensiveis
Que a tempos desafiaes,
Estalareis escutando
Os meus derradeiros ais.

Acabou-se os meus tormentos,
Já soffrer não posso mais.

Correntes no ar suspensas
Que este meu pranto abrigaes,
Afoguem-se em vossas aguas
Os meus derradeiros ais.

Acabou-se os meus tormentos,
Já soffrer não posso mais.

E tu que foste modêlo
De muitos peitos leaes,
Recebe na campa fria
Os meus derradeiros ais.

Acabou-se os meus tormentos,
Já soffrer não posso mais.

# RECITATIVOS

## DESCRENÇA

O calor do fogo ou — da chamma ardente
Que a alma sente incendiar-se tanto,
É como o raio que fulmina e mata,
E o amor da ingrata se converte em pranto!

Mas, ai! de mim, se maldigo a sorte,
Se até da morte hei zombado crente!...
Qu'importa embora que humilhada viva,
Se a dôr lh'activa um viver pungente?!...

Se busco ás vezes da mulher perjura
Sonhar ventura que gozei outr'ora,
Eu sinto n'alma um desejo immenso
D'um fogo intenso abrazar-me agora!...

Assim o odio rebentando em chamma,
Que mais s'inflamma n'um voraz delirio...
Viver só quero alentando a vida,
Na fé perdida que me deu martyrio...

E porque choras? me dirás tranquilla,
Tens amor?—eu a vida, um desprezo e dó!...
Mas, ai! de ti... infernal vampiro,
Se da morte o tiro converter-te em pó!

Embora eu sinta a paixão ardente
Queimar-me a mente com mentidas juras,
Direi-te sempre que não creio n'ellas,
São todas ellas, por demais perjuras.

E quando alfim já na tumba fria
A morte um dia te roubar a vida,
Tu dirás tremula:—Que horror! meu Deus!
São peccados meus! já estou perdida!

*João da Silveira Sampaio Junior.*

## O VAGABUNDO

Eu durmo e vivo ao sol como um cigano
Fumando o meu cigarro vaporoso;
Nas noites de verão namóro estrellas,
Sou pobre, sou mendigo, e sou ditoso!

Ando roto, sem bolsos nem dinheiro;
Mas tenho na viola uma riqueza:
Canto á lua de noite serenatas,
E quem vive de amor não tem pobreza.

Não invejo ninguem, nem ouço a raiva
Nas cavernas do peito, suffocante
Quando á noite nas trevas em mim se entornam
Os reflexos do baile fascinante.

Namóro e sou feliz nos meus amores,
Sou garboso e rapaz... Uma criada
Abrazada de amor por um soneto
Já um beijo me deu subindo a escada...

Oito dias lá vão que ando scismando
Na donzella que alli defronte mora,
Ella ao vêr-me sorri tão dôcemente!
Desconfio que a moça me namora!...

Tenho por meu palacio as longas ruas,
Passeio a gosto e durmo sem temores;
Quando bebo, sou rei como um poeta,
E o vinho faz sonhar com os amores.

O degrau das igrejas é meu throno,
Minha patria é o vento que respiro,
Minha mãi é a lua macillenta,
E a preguiça a mulher por quem suspiro.

Escrevo na parede as minhas rimas,
De paineis a carvão adórno a rua;
Como as aves do céo e as flôres puras
Abro meu peito ao sol e durmo á lua.

Sinto-me um coração de lazzaroni;
Sou filho do calor, odeio o frio;
Não creio no diabo nem nos santos...
Rezo a Nossa Senhora, e sou vadio!

Ora, se por ahi alguma bella
Bem dourada e amante da preguiça,
Quizer a nivea mão unir á minha
Ha-de achar-me na sé, domingo, á missa.

*Alvares de Azevêdo.*

## UMA SUPPLICA

Se eu fôra do Olympo o archanjo famoso,
Ao throno do Eterno te havia chegar,
Se eu fôra do mundo monarcha potente,
No throno dourado te havia sentar;

Voando, eu iria dizér-te um segredo,
Se fôra canario no bosque a folgar;
Se eu fôra das flôres o *amor perfeito,*
Quizera em teu peito só desabrochar;

Se eu fôra de Orpheu a lyra cadente,
Teu nome sómente quizera cantar;
Se eu fôra algum Tasso, de amor perecendo,
Como elle por ti eu quizera acabar;

Se eu fôra Petrarcha no amor extremoso,
Por Laura de certo te havia trocar;
Se eu fôra Virgilio, Castilho, Camões,
Meu estro sublime te havia offertar.

Mas... eu não sou anjo, nem flôr, nem canario,
Nem rei, nem Orpheu, nem Tasso amador,
Petrarcha, Virgilio, Castilho, Camões,
Sou triste coitado que te implora amor.

*B. J. Borges.*

---

## AMOR

Se longe estou de ti — em ti só penso!
Se durmo, oh! anjo meu, comtigo sonho!
Comtigo a vida, é um prazer immenso,
Sem ti — deserto inhospito, medonho!

Se acaso penso, só medito em ti!
Se á noite velo, só me lembra amor!
Renasce a esp'rança que perdida vi,
Que a vida alenta, que me dá valor!

Teu nome escuto no ciciar da briza,
Entre a ramagem de florido val!
Quando em silencio — a noite se desliza,
Quando ruge furioso o vendaval!

Sou outro agora! Tua linda imagem
Eu vejo em tudo, tudo me recorda
Desde a florinha que se curva á aragem,
Té o canto d'ave, que nos diz — acorda!

Quer vele ou durma, seja noite ou dia,
Sempre commigo tu presente 'stás;
Depois d'eu morto, volve a cinza fria,
E o teu retrato ainda alli verás!

Sou teu, és minha! Não queiras fugir-me,
Qu'est'alma, crenças, para ti só tem!
Ah! não me fujas, quando á noite ouvir-me
Por entre as trevas — te dizendo — vem!

*F. P. dos Guimarães.*

---

# LUNDÚ

---

## A FEIJOADA

Musica de J. S. Arvellos

Oh! que feijoada
Tão engordurada,
Tão cheia de bredos
Que me atola os dedos,
De limões azedos,
Pimentões ardentes!
Oh! que bello vinho,
Que gordo toucinho
Que na mesa bole!
Para ficar molle
Só nos falta o gole
Da bella aguardente.

Tudo é feijoada
Feita por amor,
Para encher a pança
De um trovador.

Que negro tisnado,
Que corre apressado

Aqui, no Brazil!
Que pretas gentis,
Bonitas e feias,
Vestidas de tangas,
Vendendo pitangas,
Laranjas e mangas
No campo da feira!
Tudo é bebedeira,
Tudo é bandalheira,
Que nos causam zangas.

Estas são as notas
Que nos diz amor,
Para encher a pança
De um trovador.

Quanta moça tola
Que come cebola
Da Inglaterra,
Com medo da guerra
De Napoleão!
Que ha n'esta terra,
Que porcos mimosos,
Carneiros cheirosos,
Cabras berradeiras,
Gallinhas poedeiras
Nas segundas-feiras
Vão p'ra correcção!

Estas são as notas
Que nos diz amor,
Para encher a pança
De um trovador.

Quanta moça feia
De meiguice cheia,
Nas suas janellas!...
Mas quantas mazellas,
Quantas erysipelas
Encobre o balão!
Quantos impostores
Da rapaziada
Formados doutores,
Andam ás embigadas,
Andam ás cabeçadas,
Só a cachação!

Tudo é feijoada
Feita por amor,
Para encher a pança
De um trovador.

---

# MODINHA

---

## ROSTO D'ANJO

Rosto d'anjo, formosa donzella,
Que as cadêas de amor me puzeste,
Ah! não fujas—não leves-me a vida,
Não me roubes um bem que me déste.

Já não póde meu peito ser d'outra,
Já não posso existir sem te amar;
Só comtigo entendi a existencia,
Quero á campa comtigo baixar.

São ligados os meus aos teus dias,
Como o calix á folha da flôr!...
Não consintas que a flôr se desfolhe,
Ah! não quebres os laços de amor.

Já não póde meu peito ser d'outra — etc.

FIM DO VOLUME V

# INDICE

Tein de Almeida